

CURSO DE ENFERMAGEM

Josiele Lopes Rosa

CONHECENDO AS PERCEPÇÕES PATERNAS NA GESTAÇÃO

Santa Cruz do Sul

2015

Josiele Lopes Rosa

CONHECENDO AS PERCEPÇÕES PATERNAS NA GESTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Elenei da Costa Somavilla

Santa Cruz do Sul

2015

Josiele Lopes Rosa

CONHECENDO AS PERCEPÇÕES PATERNAS NA GESTAÇÃO

Esta monografia foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Enfermagem.

Enf.^a. Dra Vera Elenei da Costa Somavilla
Professora Orientadora- UNISC

Enf. Dr. Ari Antunes Assunção
Banca examinadora- UNISC

Enf.^a. Dra. Suzane Beatriz Frantz Krüg
Banca examinadora- UNISC

Santa Cruz do Sul

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder esta vida e por me mostrar tamanho seu amor e misericórdia ao me capacitar em exercer e ensinar a amar esta linda profissão. Através desta oportunidade a qual Ele me concede em exercê-la, vejo quão surpreendente é seu poder em aperfeiçoar nossas fraquezas e nos tornar capazes quando nEle colocamos total confiança. Não existem palavras que possam expressar tamanha gratidão por toda a força que o Senhor me proveu para que eu chegasse até aqui, por toda paz e certeza de vitória que sempre me concedeu apesar de todas as tribulações a qual passei. Obrigada meu Deus por estar ao meu lado a todo o momento mesmo o louvor sendo pouco nas vezes em que o cansaço tomou conta de mim e adormeci sem ao menos te agradecer por mais um dia vivido. Amado Pai, obrigada por sempre me cuidar e em Ti me fazer mais que vencedora.

Aos meus pais Erceli e Idélia por sempre me incentivarem a lutar pelos meus objetivos, por todo amor, carinho e compreensão dados nos momentos em que tive que me fazer ausente e confiarem no meu potencial e esforço para que hoje eu estivesse realizando o primeiro de muitos sonhos. Agradecer o possível e impossível que sempre deram de si para me ensinar a ser uma pessoa melhor através da humildade e aprendendo a valorizar as pequenas coisas. Aos meus irmãos Cléo, Cleito e Jaime por todas as palavras de apoio e sempre torcerem pelo meu sucesso. Amo muito vocês minha família!

Ao Zeloir por ser mais do que um primo na minha vida, mas sim um irmão que sempre procurou escutar meus anseios e ter uma palavra de conforto todas as vezes que precisei. Por todos os ensinamentos e correções que por hora necessitei, por semear a sementinha do amor de Deus em minha vida e principalmente por todas as risadas que juntos demos. Adoro-te muito, tu bem sabe o quanto!

A minha amiga de infância Lilian, a magrela mais brava e amada nesse mundo, que Deus me oportunizou em dividirmos o mesmo teto e que nesses últimos anos tem se mostrado a irmã mulher que não tive. Obrigada por todas as palavras de positividade e correção que sempre teve para comigo, por todo o carinho, paciência e compreensão nas vezes em que não pude dar a devida atenção a qual merecia e pelas inúmeras risadas sinceras que me proporcionou em momentos em que a tristeza me tomava por dentro. Contigo vi o quanto nossas diferenças se complementam, e creio que é isso que faz da nossa amizade algo tão forte. Adoro-te demais!

A minha colega e amiga Cláudia que Deus me oportunizou em ter durante a graduação, por todo carinho, ensinamentos e muitas risadas dadas juntas. Hoje entendo que Deus me presenteou com tua amizade, porque ela há de ultrapassar essa vida.

E por fim, agradeço também a todos os professores que passaram pela minha vida e que contribuíram de alguma forma para meu desempenho durante a graduação. Principalmente aos professores do curso de Enfermagem que sempre proporcionaram aprendizados diferenciados para compor meu lado profissional, com destaque principal à minha professora orientadora Vera Somavilla pelo apoio e compreensão, além da orientação prestada. Enfim, deixo o meu mais sincero “muito obrigado” a todos que de alguma maneira fazem parte desta minha conquista.

*Senhor meu Deus! Quantas maravilhas tens feito!
Não se pode relatar os planos que preparaste para
nós! Eu queria proclamá-los, mas são por demais
numerosos.*

Salmos 40:5

RESUMO

Nas últimas décadas percebe-se um grande crescimento de iniciativa por parte do homem em participar da gestação procurando se fazer presente de distintas formas. Este estudo teve por objetivo conhecer as experiências dos homens em relação à gestação de suas companheiras, sob o ponto de vista de homens que estivessem vivenciando o período gestacional. Ao que se refere aos aspectos metodológicos, adotou-se a abordagem qualitativa exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada a partir da técnica de entrevista com dez homens/futuros pais. Os critérios de inclusão foram estarem vivenciando o período gestacional de suas companheiras. Os dados foram discutidos a partir das associações de idéias que ocorreram pela definição de categorias gerais, de natureza temática, entre elas, paternidade e seus significados, mudanças hormonais na gestante, o recebimento de informações e a construção do perfil paterno e mídia e serviços de saúde: A assistência no pré-natal masculino. O estudo aponta que estes estavam encarando este período de maneira positiva. Os pais destacaram o quanto sua iniciativa em participar de alguma forma da gestação foi benéfica principalmente para as companheiras que tinham com quem dividir anseios e ter apoio nos momentos necessários. No que se refere às informações recebidas neste período, percebe-se que tais de maneira direta ou indireta foram absorvidas, porém somente aquilo que eles consideravam de valia, construindo assim seu perfil como futuro pai junto de sua companheira. Os dados discutidos em termos de contribuição para a enfermagem evidenciam o quanto o nosso papel profissional é relevante na realização de ações que insiram efetivamente o pai nesse processo.

Palavras-chave: Paternidade. Gestação. Enfermagem.

ABSTRACT

In recent decades we can notice a major growth regarding to the initiative of man to participate in his partner's pregnancy, trying to be present in different ways. This study aimed to understand the experiences of men in relation to the pregnancy of their partners, from their point of view along the pregnancy period. Referred to the methodological aspects, it was adopted the exploratory and descriptive qualitative approach. Data collection was conducted through interviews with ten men/future fathers. The inclusion criteria was "to be experiencing" the pregnancy of her partners. The data were discussed based on the associations of ideas that occurred by defining broad categories of thematic nature, including fatherhood and its meanings, hormonal changes during pregnancy in the mother, the information receiving and the construction of the parent's profile in the media as well as health services: Male assistance in prenatal care. The study points out that these fathers were facing this period in a positive way. Fathers highlighted how their initiative to participate, in some way, of the pregnancy was beneficial, especially to their partners, who had someone to share concerns and receive support when needed. Regarding to the information obtained in this period, it's clear that such information, directly or indirectly, have been absorbed, but only what they considered valuable, building in that way, its profile as a future father alongside with his partner. The data discussed in terms of contributing to nursing, show how much our professional role is relevant in carrying out actions that effectively insert the father in this process.

Keywords: Parenting. Pregnancy and nursing.

SÚMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PROBLEMA.....	11
3	OBJETIVOS.....	12
3.1	Objetivo geral.....	12
3.2	Objetivos específicos.....	12
4	JUSTIFICATIVA.....	13
5	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
5.1	Participação do pai na gestação.....	14
5.2	Assistência pré-natal para o pai.....	18
6	METODOLOGIA.....	25
6.1	Tipo de pesquisa.....	25
6.2	Local da pesquisa.....	26
6.3	Sujeitos da pesquisa.....	26
6.4	Aspectos étnicos e técnicos.....	27
6.5	Produção de dados.....	27
6.6	Análise de dados.....	28
7	EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE A PRODUÇÃO DE DADOS.....	29
8	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	31
8.1	Paternidade e seus significados.....	31
8.2	Mudanças hormonais na gestação.....	33
8.3	O recebimento de informações e construção do perfil paterno.....	35
8.4	Mídia e Serviços de Saúde: A Assistência no Pré-Natal masculino.....	38
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	52
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	53
	APÊNDICE B - Termo de autorização de pesquisa da instituição.....	55
	ANEXOS.....	56
	ANEXO A - Questionário semi-estruturado.....	57
	ANEXO B - Conteúdo do folheto “Pais grávidos”.....	58

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da minha formação acadêmica, me deparei com inúmeras temáticas que me soaram instigantes para a realização de um estudo científico, com isso percebi que todo conhecimento adquirido em relação a determinado assunto esta articulado ao estilo de vida que se possui. A partir disso, delimitando-me primeiramente a área de saúde da mulher acerca da gestação, interessei-me a ampliar meu olhar não somente para a mulher enquanto gestante, mas principalmente ao homem e companheiro que vivencia essa gestação ao seu lado participando das consultas, de sua conduta frente ao seu relacionamento com sua companheira a partir das mudanças corporais e de humor que ocorrem nesse período, e enfim de maneira geral as percepções e expectativas que estes apresentam a partir do momento que se deparam com a notícia de que serão pais.

Conforme Pesamosca et al (2008), nas últimas décadas tem-se evidenciado um grande crescimento de iniciativa por parte do homem em participar do pré e pós-natal juntamente de sua companheira, pois já que este não pode ter as percepções de sentir diretamente o desenvolvimento do bebê dentro de si, tal como a mulher, tem procurado se fazer presente de distintas formas entre elas tocando a barriga de sua companheira, se mostrando preocupado e atento as alterações no corpo dela, compreensivo com as oscilações de humor e procurando ao máximo possível participar das consultas para acompanhar o crescimento do bebê através dos exames de imagem.

É evidente que a mulher é a protagonista do evento gestacional, e a partir disso é possível nos depararmos com várias reflexões em relação ao modo de como o homem enquanto pai tem procurado participar da gestação de sua companheira, quais os incentivos que ele tem tido para ter essa iniciativa, seus medos, expectativas e percepções em relação a todo o contexto da gestação. Frente a esse novo “modelo de pai”, outro ponto a explanar é de quais abordagens que a assistência de enfermagem tem realizado para que este também seja visto como ator principal deste acontecimento, promovendo cuidados para incentivá-lo a ser participativo desde os primórdios da gravidez.

Entretanto, é visto que a expectativa de ser pai resulta numa série de sentimentos; sendo assim, a participação do pai é de extrema importância para promoção da saúde mãe-bebê durante o pré e pós-natal, além de ser fundamental para o estreitamento do vínculo pai-filho através de sua vivência no exercício de sua paternidade. A partir destas considerações contitui-se como problema de pesquisa.

2 PROBLEMA

A gestação coloca em evidência a mulher que sem dúvida é a protagonista deste acontecimento, porém tem se observado o aumento do interesse por parte dos homens que irão vivenciar a experiência da paternidade em participar mais efetivamente deste processo. Esta observação implica em mudanças na sistemática da assistência de enfermagem no que se refere à possibilidade de olhar para o pai grávido como um dos atores que também necessitam de cuidado. Nesse sentido cabe perguntar como os futuros pais descrevem suas experiências em relação à gestação de suas companheiras?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Conhecer as experiências dos homens em relação à gestação de suas companheiras.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar como a gestação é vivenciada pelos futuros pais no que se refere a sua relação com a gestante e a percepção de alterações corporais e psicológicas nesse período.
- Investigar quais são as informações que os homens e futuros pais recebem neste período.
- Identificar as necessidades de assistência de enfermagem para os homens em todo contexto da gestação.

4 JUSTIFICATIVA

As enfermeiras Silva e Lemos (2014), destacam que hoje o “novo pai” participa na gravidez indo as consultas, assistindo ecografias e participando do nascimento do filho, etc. Os pais atualmente tem um papel mais ativo no que se refere à gestação, o que significa um incremento nas demandas de assistência durante o pré-natal, pois se o pai esta mais presente ele também terá necessidades de cuidados relacionados às suas demandas por informação, orientação e preparação. Deste modo, este estudo poderá mapear quais são as necessidades dos pais no que se refere às gestações de suas companheiras, construindo possibilidades e subsídios para assistência de enfermagem, para este grupo de homens que estão vivenciando a gestação das mesmas.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de nas últimas décadas ter crescido o interesse do homem em participar da gestação de sua companheira desde a afirmação da concepção até o momento do nascimento e ativamente da criação do seu filho, ainda há uma grande maioria que por desinteresse ou falta de oportunidade acabam ficando de fora desse momento tão especial que é a chegada de um ser que é sangue de seu sangue. Baseando-se nessa idéia, os argumentos teóricos aqui descritos são aspectos relacionados à percepção dos homens quanto à participação ou não em relação à gestação de suas companheiras, bem como uma breve visão de como os serviços de saúde tem procedido em relação à inserção e estimulação destes para que participem da gestação e exponham a suas dúvidas quanto a esse momento tão crucial para suas vidas, que é ser pai. A seguir, são apresentados alguns autores que mostram aspectos teóricos positivos e negativos relacionados à percepção e participação do homem na gestação.

5.1 Participação do pai na gestação

O período de gestação da companheira exige uma série de adaptações por parte do homem, futuro pai que precisa se preparar para os novos papéis que deverá assumir frente ao bebê e à sua família, e num primeiro momento, as mudanças fisiológicas, psicológicas e físicas da mulher. Conforme Muzio (1998), a transformação para o papel de pai requer várias conciliações e mudanças por parte dos mesmos, no que se refere aos aspectos psicoçógicos, biológicos e sociais. A gestação para os pais trata-se de um momento de preparação para as novas tarefas que irão desempenhar com a chegada do bebê e a tudo que ele irá exigir. Trazer à tona a lembrança de sua própria infância e dos papéis assumidos pelos pais, bem como os medos e dúvidas, mostra-se um episódio fundamental, pois serve de apoio e segurança para a mulher neste período, além de oportunizar ao homem a construção de sua imagem com o pai.

Já de acordo com Gouvêa et al (2013), o período gravidez-puerpério é marcado por várias transformações corporais e emocionais na mulher. Por isso a participação do homem/pai torna-se essencial como peça-chave de apoio e segurança para a mulher neste período, além de favorecer ao homem a construção da sua imagem como pai.

Como se sabe, a percepção masculina do homem frente à chegada de um novo ser é bem diferente em relação à construção e percepção da parentalidade que a mulher possui, pois como só compete à mulher gestar, dar à luz e amamentar, diante disso o homem enquanto pai se percebe confuso em relação de que em qual momento começará a sua participação durante

o período gestacional de sua companheira. Por esta razão, segundo Tarnowski et al (2005), muitas vezes os pais tem uma grande dificuldade em consolidar uma ligação concreta com o bebê, sendo assim, a formação do vínculo entre pai e filho é mais demorada, geralmente firmando-se após o nascimento e durante o processo de crescimento da criança.

Bornholdt (2007) diz que o fato de o pai não vivenciar as mudanças corporais e o crescimento do bebê dentro de si, pode lhe desencadear uma série de sentimentos, como por exemplo, ciúme e principalmente o sentimento de rejeição, já que durante esse período a mulher torna-se mais sensível, oscila muito de humor, sofre aumento de peso, fica inchada, ênjoa, sua libido diminui e ela, muitas vezes sem perceber passa a voltar demasiada atenção e energia em prol do bebê a chegar.

Para Piccinini et al (2004), com o nascimento do bebê, na maioria das vezes é possível evidenciar sentimentos de competição e exclusão, o que é algo totalmente comum nos homens/pais, não porque a mulher se volta a atender as necessidades do bebê em primeiro lugar, mas sim porque todos aqueles que fazem parte de seu convívio voltam suas atenções somente a ela e ao bebê, e poucos são os que procuram de alguma forma saber os sentimentos do futuro pai durante este período de adaptação. Por isso é de extrema importância estimular que o homem faça adaptações similares às de sua companheira procurando se inteirar e participar dos cuidados do bebê recém-chegado, já que enfrenta semelhantes sentimentos de insegurança e felicidade como a mesma que deu à luz.

É notável que muitas vezes, é o próprio homem/pai que opta em não participar da gestação, porém isso se deve aos estigmas distorcidos impostos pela sociedade que se evidenciam desde a criação do universo. Um exemplo dessa afirmação encontra-se em Perucchi e Beirão (2007), retrata que até poucos anos atrás que nas sociedades ocidentais, os papéis assumidos por pais e mães sempre foram distintos, onde a mãe possuía o papel de se dedicar totalmente a maternidade e a casa, enquanto o do pai era de provedor das necessidades materiais da família, apoiando indiretamente a díade mãe-bebê e de maneira frágil criando seu vínculo com a criança.

Sendo assim, é visto que a sociedade por muitos anos determinou atributos específicos para homens e mulheres. Tais atributos foram aprendidos de maneira subconsciente no dia-a-dia. Um exemplo evidente disso pode ser encontrado em Silva e Piccinini (2008), que retrata que os meninos são presenteados desde muito pequenos com bola de futebol, bicicleta, carrinho, usando esses brinquedos no desafiador e estimulante espaço externo da casa e tendo no pai a figura do provedor da família e, conseqüentemente, de detentor do poder de decisão. Já as meninas ganham bonecas, panelinhas e eletrodomésticos, brincando no monótono

espaço interno da casa e, aos poucos, pela própria convivência no ambiente familiar, vão assimilando a representação da mulher como cuidadora do marido, dos filhos e dos afazeres domésticos, reforçando a idéia de que cujo único e natural destino é a maternidade. Como conseqüência, a condição biológica de gestar, dar à luz e amamentar vinha sendo estigmatizada para atribuir “naturalmente” às mulheres inúmeras outras atividades relacionadas ao cuidado dos filhos, provocando assim a exclusão do homem no acompanhamento da gestação por parte de sua companheira.

Porém, com o passar dos anos as mulheres foram conquistando seu espaço no mercado de trabalho e dismistificando essa imagem de cuidadora do lar e filhos, e mostrando que também poderiam muito bem cuidar da casa, ser mãe e trabalhar fora, e atualmente essa realidade tem se mostrado cada vez mais evidente, pois o número de mulheres trabalhadoras tem pouca diferença em relação ao número de homens, conforme dados do IBGE em 2010, as mulheres constituíam 35,5% contra 43,9% dos homens das vagas de emprego com registro em carteira. A partir dessa incorporação de funções pela mulher, além do apoio material, a participação na gestação-puerpério e o suporte emocional à gestante também se constituiu em uma importante função atribuída ao pai. É nesse sentido, que a aceitação do bebê pelo companheiro é um fator significativo para o desenvolvimento do apego materno ao bebê, e até mesmo de um bom relacionamento como casal.

Importante ressaltar que conforme Pesamosca et al (2008, p.182):

As responsabilidades da mulher, no que se refere ao cuidado da casa, têm se mantido, pois, mesmo exercendo uma atividade profissional remunerada, não deixaram suas funções de dona de casa, principalmente as relacionadas ao cuidado das crianças. Assim, a mulher, ao conquistar o mercado de trabalho, acabou aumentando sua carga de responsabilidades, pois as atividades domésticas somaram-se às públicas. Na realidade, faltou uma redistribuição de tarefas e dos compromissos entre o casal, pois a mulher saiu para o mercado de trabalho sem deixar de ser mãe enquanto, só recentemente, alguns homens começaram a compartilhar a educação de sua prole. Essa dificuldade na divisão de trabalho, provavelmente, esteja relacionada a questões culturais e de gênero, pois a demonstração de afeto, carinho, ternura, a prestação de cuidados com o bebê e com o lar são reconhecidamente atributos feminino.

Esta afirmação sobre os estigmas que a sociedade impoe, conforme Piccinini et al (2004), reforça a idéia de que após nascimento o papel da mulher em criar o filho é mais importante que a participação do homem nesse acontecido, isso se evidencializa ao nos depararmos com o período de tempo que é concedido por lei a licença paternidade, pois como se sabe, se comparada a licença materna é totalmente insignificante. É visto que após o nascimento não é somente a criança que precisa de cuidados e afeto, mas também a mulher

que acabou de dar à luz e que também precisa dos mesmos cuidados, e isto para o homem serve como oportunidade para que juntos possam usufruir de uma boa adaptação do novo ser chegado.

O lado positivo é que esta realidade tem mudado, segundo Pesamosca et al (2008), nas últimas décadas tem-se evidenciado um grande crescimento de iniciativa por parte do homem na participação no pré e pós-natal juntamente de sua companheira, pois já que este não pode ter as percepções de sentir diretamente o desenvolvimento do bebê dentro de si como esta, tem procurado se fazer presente com participações de tocar a barriga de sua companheira, se mostrar preocupado e atento as alterações no corpo dela, compreensivo com as oscilações de humor e procurando ao máximo possível participar das consultas para acompanhar o crescimento do bebê através dos exames de imagem.

Para Mazieri (2006), é preciso ter em mente que ser mãe e ser pai não significa apenas cumprir tarefas práticas nem acompanhar modificações corporais durante a gestação na mulher e após no bebê, mas sim se trata de um período importante do processo de vida que muitos passarão, e que o essencial é que esta gestação precisa vir de um planejamento, transcorrida de forma desejada, compartilhada, responsável e com afetividade entre o casal; pois só assim haverá condições adequadas para o harmonioso crescimento e desenvolvimento da criança intra-útero e após o nascimento. O apoio do parceiro, ou seja, o envolvimento dele com a gestação indicará o comprometimento e o desejo de estabelecer vínculos afetivos com a criança. O mesmo autor ressalta que estudos apontam que a mulher, quando se sente apoiada por seu companheiro, apresenta menos sintomas físicos e emocionais, menos complicações no trabalho de parto e no parto, além de uma recuperação e adaptação mais fácil ao pós-parto.

Outro ponto a ser destacado é a percepção dos serviços de saúde em relação à participação do pai nas consultas pré-natais, que conforme Costa (2002) relata que os profissionais atuantes nos serviços de saúde ainda são resistentes a tal iniciativa, um exemplo disso encontra-se ao explicarem as situações a cerca do desenvolvimento do bebê quando dirigem a palavra somente para a gestante, esquecendo por hora a presença do pai que também merece partilhar de tais informações e que pra ele também são muito importantes. Sem falar na exclusão de sua presença no pré-parto e sala de parto, em todas as maternidades públicas, e às vezes até mesmo em privadas.

Alexandre e Martins (2009) ressaltam que cabe enfatizar que a falta de material ilustrativo e educativo, como fotos de homens com bebês, fazendo parte dos cartazes constituindo a decoração das paredes de postos de saúde, cartilhas sobre a importância da participação paterna no processo da gestação, etc, pode induzir à interpretação de que os

serviços de saúde se tratam de um ambiente exclusivamente feminino, contribuindo para a exclusão masculina do âmbito gestacional.

Enfim, Silva e Lemos (2014), afirmam que a participação total do homem na gestação de sua companheira, trata-se de uma situação ideal, mas que encontra obstáculos, uma vez que os serviços de saúde não fornecem informações e não esclarecem dúvidas aos pais sobre o processo de gestação e de parto para facilitar a conciliação entre o significado histórico da masculinidade e as exigências que a paternidade na atualidade requer. Além disso, é preciso maior incentivo dos profissionais de saúde para que a inclusão paterna no cenário do contexto gestacional, incentivando também a importância da sua participação também no parto, eliminando os mitos e preconceitos, através da divulgação de informações sobre o contexto da gravidez e do parto e, assim, contribuir em forma de apoio e segurança para a companheira, além de oportunizar ao homem a construção de sua imagem como pai.

5.2 Assistência pré-natal para o pai

Sabemos que a atenção dada à mulher na gestação e parto é uma das práticas mais antigas realizadas nos serviços públicos e privados de saúde. No entanto, os princípios filosóficos do cuidado e da qualidade da assistência ainda permanecem centrados no modelo medicalizar, hospitalizar e sistematizar. O pai tem sido excluído do pré-natal, e esse processo subtrai da mulher a confiança na sua capacidade de dar à luz e, do homem, o direito de participar do desenvolvimento desse bebê intra-útero e do nascimento de seu filho (ALEXANDRE; MARTINS, 2009).

Guerreiro (2011), diz que as mulheres devem receber orientações de forma que possa vivenciar a gravidez e a experiência do parto como um processo fisiológico natural. Para tal, durante as consultas devem-se adotar medidas que incorporem a educação em saúde, o preparo físico e emocional, e principalmente a inclusão do companheiro durante a gravidez, parto e puerpério.

Coimbra (2003) faz a seguinte afirmação acerca do pré-natal:

O Ministério da Saúde (MS) parte do princípio de que a assistência pré-natal constitui um momento privilegiado para discutir e esclarecer questões que são únicas para cada casal, até mesmo para quem já teve filhos(as). Enfatiza, também, que o diálogo franco, a sensibilidade e a capacidade de percepção de quem acompanha o pré-natal são condições básicas para que o saber em saúde seja colocado à disposição da mulher e de sua família.

Em virtude da importância desse atendimento especializado, conforme o autor já citado, o Ministério da Saúde preconiza que a gestante realize o acompanhamento pré-natal, que consiste na realização de, no mínimo, seis consultas, sendo, preferencialmente, uma no primeiro, duas no segundo e três no terceiro trimestre da gestação, mas como se sabe a realidade é outra, pois nos serviços de saúde é possível evidenciar que gestantes recebam consultas pré-natais mensalmente e no último mês recebem atendimento semanalmente, mesmo numa gravidez fora de risco.

Bornholdt et al (2007), ressalta que a assistência pré-natal para atender às necessidades de cada gestante, procura impactar a mulher através do acolher total desde o início de sua gravidez, reconhecendo que cada uma tem uma percepção diferente deste evento, bem como devem procurar esclarecer as dúvidas que podem acarretar medos, angústias, fantasias ou simplesmente a curiosidade sobre o que as mudanças físicas visíveis exteriormente e principalmente acerca dos acontecimentos no seu corpo internamente. Permite também, diagnosticar e tratar precocemente os distúrbios maternos que podem ser preexistentes ou desenvolver-se durante o período gestacional, assim como monitorizar o crescimento e o desenvolvimento do bebê e a identificar as anomalias que podem interferir no curso da gestação e do trabalho de parto, resultando assim em reflexos altamente positivos para a mãe e principalmente no processo de viver da criança após o nascimento.

Segundo Lamy (2012), o evento da gestação é uma fase em que a mulher precisa do apoio de todas as pessoas à sua volta, principalmente do seu companheiro, que também deve ser incentivado a compartilhar toda a assistência. A participação do pai durante o período gestacional é decisiva na interação pai-filho, pois neste sentido o homem enquanto pai é inserido para construir vínculos de afeto e sentir-se pai quando este novo ser chegar. Pois no momento que o pai reconhece a gravidez de sua companheira e também passa a se sentir “grávido” ele adquire uma nova visão de cuidado e de ser cuidador participando assim das consultas pré-natais, exames de imagem, e principalmente de seu entendimento ou sua preparação para o parto, assegurando que o fato de compartilharem a responsabilidade pode ser mais favorável aos cuidados da saúde da mulher.

Como consta em Oliveira et al (2009), a Organização Mundial da Saúde (OMS), ressalta que o cuidado na atenção pré-natal, perinatal e puerperal deve estar centrada nas famílias, não só na díade mãe-filho, mas também no homem enquanto pai, ou melhor, devem estar centradas no casal. É visto que o Ministério da Saúde preconiza que nas consultas de pré-natal, seja permitido que a gestante leve alguém consigo, de preferência o companheiro. Mas a realidade que se enfrenta é outra, pois nos deparamos ainda com gestantes

frequentando sozinhas as consultas ou levando uma amiga íntima ou familiar, estes geralmente sendo irmã ou mãe.

Porém estudos apontam, conforme Beltrame e Bottoli (2010), que apesar de a participação e inserção do pai nas consultas pré-natais ter crescido significativamente nas últimas décadas, é visto que falta incentivo por parte dos serviços de saúde em frisar através de campanhas e capacitações a participação desse pai na gestação de sua companheira e principalmente de seu acompanhamento nas consultas de pré-natal para esclarecimento de dúvidas que ele também tem. Pois como ele não terá a ligação direta no desenvolvimento da criança como a mãe, estes ficam na dúvida e receio em quando e como participar da gestação, por isso a importância de além da companheira incentivar essa tal participação, os serviços de saúde intervir em tal situação.

Wânglia e Ana (2007), afirmam que a participação nas consultas do pré-natal constitui uma oportunidade para os pais se sentirem mais próximos do bebê através de seu desenvolvimento e formação visualizados em exames de imagem, ouvindo-lhe os batimentos cardíacos, como forma de materialização da criança, e sem essa vivência, essa materialização apenas se fazia por meio de informações obtidas pela mãe. Já Costa (2002), revela que alguns homens possuem o desejo de ajudar à sua companheira, acompanhando-a somente na realização dos exames complementares e de imagem, já que consideram importante acompanhar o crescimento da barriga e a movimentação do feto e participar da preparação do ambiente físico da casa e enxoval para receber seu filho.

Há alguns fatores que interferem diretamente na participação ou não de pais no período gestacional e principalmente das consultas, segundo Alexandre e Martins (2009), que se dá pela coincidência do horário de trabalho com o horário da consulta, e como sabemos, na lei não consta nada que defenda a autorização do homem para participar/acompanhar sua companheira em consultas caso esteja grávida. Estudos apontam que o constrangimento da gestante com a presença do companheiro e não interesse por parte do homem em participar são citadas em níveis altos como ponto negativo. Ainda baseando-se nas idéias do autor já citado, este aponta que a falta de material ilustrativo e educativo nos serviços de saúde e consultórios particulares, como fotos de homens com bebês pode induzir à interpretação de que se trata de um ambiente exclusivamente feminino, contribuindo para a exclusão masculina do contexto gestacional.

Segundo Perdomine e Bonilha (2011), apesar de o Ministério da Saúde preconizar a inclusão do pai no acompanhamento das consultas de pré-natal de sua companheira, há certo desinteresse por parte dos serviços de saúde em promover este incentivo, pois em sua maioria,

mantêm os homens a distância da gestação e do parto, ou seja, segundo Tarnowski et al (2005), o Ministério da Saúde, através da Portaria 569 instituiu o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento, e mesmo tendo como proposta mudanças positivas na qualidade da assistência, ainda observa-se uma certa negligência quanto à participação do pai na saúde reprodutiva da gestante.

Em Oliveira e Silva (2012), consta que quando a população masculina procura os serviços de saúde por meio da atenção especializada, já está com o problema de saúde detectado e em estágio avançado. A partir dessa realidade, a Política Nacional de Saúde do Homem instituída em 2010 objetivou incentivar o aumento da quantidade de exames masculinos no Sistema Único de Saúde (SUS), através do pré-natal. Visto que são muitos os benefícios que a imagem paterna acarreta à gestante e ao bebê, esta política amplia suas metas a promover a atenção à saúde do homem e aproveita a sensibilidade deste para incentivá-lo a acompanhar as consultas durante os nove meses de gestação da sua parceira.

Em Caires e Vargens (2012) consta que:

O Ministério da Saúde apoia diferentes iniciativas locais de “pré-natal masculino”: Em Ribeirão Preto, incentivam-se os pais a realizarem exames para diagnóstico precoce e tratamento de doenças que podem afetar a saúde da mulher e do bebê. Em Várzea Paulista (SP) e Campinas, a Secretaria Municipal de Saúde desenvolve um programa com oficinas para os homens aprenderem a cuidar do bebê. Em São José do Rio Preto (SP), o “pré-natal masculino” está previsto em lei municipal.

Conforme Alexandre e Martins (2009), tanto na teoria do evolucionismo quanto do criacionismo, estudos apontam que é possível se deparar com a participação paterna no período gestacional mostrando o homem participando ativamente do nascimento de seu filho, pois o homem primitivo fazia compressão do abdome da mulher durante a expulsão do feto, realizava também secção do cordão umbilical e acolhimento do bebê em seus braços como forma de proteção e auxílio à esposa e filho. Porém com o passar dos anos a participação do pai foi diminuindo, hora por obstáculos de ordem moral imposta pela sociedade, hora pela aceitação da obstetrícia.

Estes mesmos autores dizem que após o parto do domicílio ter passado a ocorrer nos hospitais à família foi afastada do processo de nascimento, se pararmos para analisar a realidade da institucionalização do parto, vemos que a estrutura física e as rotinas hospitalares foram planejadas para atender as necessidades dos profissionais de saúde e não das gestantes. Devido a aceitação e estigmatização da sociedade acerca da realização do parto por profissionais da área obstétrica o pai tem sido excluído do processo de parto e nascimento do bebê, sendo esquecido do lado de fora do Centro Obstétrico (CO), permanecendo ainda longo tempo sem

receber qualquer sobre o andamento do trabalho de parto. (NOGUEIRA E FERREIRA, 2012).

Verifica-se que homens, baseando-se em Silva e Lemos (2014), independente da idade, nível de escolaridade e estado civil, desejam participar do ciclo da gestação. Observa-se que esta participação desperta no futuro pai os mais diversos tipos de sentimentos positivos e negativos, sendo os positivos os mais referidos. Oliveira e Silva (2012) dizem ainda que, quando o homem tem a oportunidade de vivenciar todo o processo da gestação até o nascimento, valoriza muito mais sua companheira reconhecendo que este processo exige de sua mulher um imensurável esforço e dedicação, bem como a ciência do seu papel de apoio durante o trabalho de parto e como alguém capaz de proporcionar a ela suporte, apoio e segurança, sendo este empenho reconhecido e aprovado pelas mulheres.

Vem sendo observado que durante as consultas de pré-natal, que a maioria dos pais manifestam interesse em participar da gestação, parto e puerpério. Segundo Silva e Lemos (2014), é percebido que enfermeiras do Centro Obstétrico, fazem o possível para favorecer a presença do pai durante o parto, mas a equipe médica geralmente se nega em promover essa participação, mesmo em situações de baixo risco, principalmente nos serviços públicos de saúde. É visto também que existe a falta de comunicação entre o companheiro e a equipe de saúde quando a requerer essa tal participação, gerando transtornos para mãe e para a relação do pai-mãe-filho. Longo et al (2012), diz que no exercer da prática de cuidado humanizado, a equipe de saúde deve tomar uma postura de facilitadora, incentivando ações que desenvolvem uma visão do geral, não olhando somente a mulher, mas sim a família como um todo.

Motta (2005) considera a figura do pai essencial durante o pré-natal. Ele ressalta que proporcionar ao pai a oportunidade de participar desse processo junto a sua companheira e filho, estimula o vínculo precoce pai-bebê, e garante a tranquilidade da gestante para que essa possa encarar a gravidez como algo normal.

Sendo assim, Silva e Lemos (2014) ressaltam a importância da criação de um programa abordando o “pré-natal masculino” promovendo maior aceitação da assistência preventiva, já que o homem se encontra muitas vezes mais sensível com a chegada do bebê do que a companheira. Pois falta o incentivo por parte dos profissionais dos serviços de saúde para que haja o envolvimento paterno na criação de vínculo com o bebê desde os primórdios na barriga da mãe. Já que, uma vez que os serviços de saúde não fornecem informações aos pais sobre o processo de gestação e de parto para facilitar a conciliação entre o significado histórico da masculinidade e as demandas atuais da paternidade. Além disso, Gonzalez et al (2012), relata que é preciso maior incentivo dos profissionais de saúde para que a inclusão paterna no

cenário de parto represente efetiva participação, através pela divulgação de informações pertinentes e corretas sobre o evento da gravidez e do parto, contribuindo para a reconstrução social do papel do homem no exercício de sua paternidade.

O pai da atualidade não deseja copiar padrões antigos nem ocupar o lugar da mãe. Apenas busca com seus próprios esforços, construir uma relação mais afetiva com seus filhos conforme a sociedade exige. Em junho de 2000, foi criado o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), a partir das Portarias do Ministério da Saúde nº 569, 570, 571 e 572. Conforme Carvalho (2009), esse programa busca melhorar o acesso, a cobertura e a qualidade do acompanhamento pré-natal, do parto ao puerpério e ao recém-nascido, na perspectiva de evidenciar os direitos de cidadania das mulheres.

O Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento propõem diversas mudanças no modelo assistencial ao parto; uma delas é o direito de a mulher ter um acompanhante durante todo o período de parto, regularizado pela Lei nº 11.108/05, que assegura essa presença em toda a rede dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), no período compreendido entre o trabalho de parto e o pós-parto imediato. Na verdade esse incentivo não se refere somente a participação no parto, pois o Ministério da Saúde incentiva a participação do homem desde os primórdios da gestação até após o nascimento. Para Gozalez et al (2012) neste cenário, favorece-se a inserção do pai, que deixa de ser uma figura secundária no processo gravidez-puerpério, como muitas vezes ainda ocorre.

Durante o pré-natal percebe-se que os profissionais de saúde tem concentrando as consultas na mulher grávida e na criança, tornando o homem um mero expectador. No momento em que há o incentivo dos profissionais em relação ao participar do homem das consultas possibilita a este compreender melhor, inserir-se no período gestacional e interferir com medidas preventivas no que lhe for evidenciado. É visto que, conforme Rocha et al (2012), a enfermagem tem feito a diferença nesse ponto, pois vários estudos apontam que após concessão ao profissional de enfermagem para realização de consultas de pré-natal em Estratégia de Saúde da Família (ESFs), dentre outras especializações como doulas e parteiras, é visto que este profissional de maneira discreta tem incentivado a participação do homem na gravidez de sua companheira, a começar pela solicitação de exames de sorologias em testes rápidos logo que a mulher é tida como grávida, pois geralmente é um exame que é solicitado a se fazer juntamente com a esposa no momento da consulta.

Outro modo de chamar a atenção dos pais para a participarem da gravidez, é através de grupos de gestantes, onde este é convidado para acompanhar sua companheira no decorrer da realização do mesmo. Algumas cidades de determinados estados trabalham com grupos

específicos para os “pais grávidos”, que segundo Alexandre e Martins (2009) têm sortido efeito positivo e provocado o aumento da participação paterna durante a gestação.

Já em relação ao parto, como já citado, segundo Oliveira e Silva (2012), é percebido que enfermeiras do CO, favorecem a presença do pai, mas a equipe médica tem negado quase que sistematicamente essa participação, mesmo em situações de baixo risco. Silva e Lemos (2014), ressaltam a importância de promover o acompanhamento do pai/companheiro no momento do parto, bem como prepará-lo para esse momento, tem sido uma preocupação do Enfermeiro Especialista em Saúde Materna e Obstétrica, ao longo da gravidez. Pois os enfermeiros responsáveis por esta preparação devem desenvolver ao fim da gestação ou em último caso no pré-parto, aulas de preparação para o parto, centrando a atenção no casal e não apenas na grávida, porque o companheiro tem um papel muito importante no ajudar a grávida a colocar em prática os exercícios e as técnicas de relaxamento que se adequam aos diferentes estádios do trabalho de parto aprendido durante as consultas pré-natais. Esta preparação para participar no nascimento de um filho é muito importante, pois, tanto os homens como as mulheres, estão sujeitos a elevados níveis de tensão física e mental e os exercícios de relaxamento são benéficos para ambos, principalmente os respiratórios.

Motta (2005) aponta que o parto é o ápice de muitas tensões e anseios que se acumularam durante nove meses de gestação. O acompanhamento durante o trabalho de parto sugere a existência de uma relação de solidariedade, entreajuda e reconforto psicológico, determinante no sistema interativo da tríade mãe/pai/filho, por isso a importância do homem nesse momento.

Entretanto, é visto que essa iniciativa por parte dos profissionais de enfermagem reconhecer a importância e benefício que é incentivar e proporcionar na medida do possível a participação do homem desde o início da gestação até o momento do nascimento tem contribuído muito para a autoestima de pais que puderam vivenciar tal experiência e que através de relatos fazem nossa contribuição a esse passo manter-se exclusivamente ao profissional enfermeiro e resalta a importância de cada vez mais de maneira evidente investirmos no pré-natal masculino sem receio e resistência, como pode acontecer.

6 METODOLOGIA

Essa seção trata-se da metodologia que foi utilizada para construção do trabalho, produção e discussão dos dados adquiridos. Para Gerhardt e Silveira (2009), metodologia é um conjunto de abordagens, estratégias e fases utilizadas pela ciência para elaborar e solucionar dificuldades de obtenção objetiva do conhecimento de um modo organizado. Leopardi (2002) descreve metodologia como uma linha de raciocínio e o exercício feito na realidade, incluindo as elaborações teóricas acerca da abordagem e o conjunto de técnicas que possibilitam a construção desta realidade.

6.1 Tipo de pesquisa

Neste estudo defini como referencial metodológico a pesquisa qualitativa exploratória e descritiva. Minayo (2006), afirma que o método qualitativo se aplica ao estudo da história, dos relacionamentos, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que é resultado das interpretações que as pessoas fazem em relação ao modo como vivem, constroem seus materiais e principalmente a visão de si mesmos de como sentem e pensam a respeito daquilo que os cerca. Conforme Leopardi (2002), este tipo de pesquisa procura assimilar a dificuldade que os sujeitos possuem em relação à realidade que vivenciam, ou seja, a perspectiva da sua vida no dia-a-dia em relação à satisfação, desapontamentos e outras emoções, assim como na perspectiva do pesquisador.

Em relação ao estudo exploratório, segundo Gil (2002), sua principal finalidade é proporcionar maior conhecimento do problema, ou seja, torná-lo objetivo e até mesmo construir hipóteses a cerca do mesmo. Este tipo de estudo pode envolver levantamento em literaturas ou através de entrevistas com pessoas, caracterizando-se como pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Para Clemente (2007), a pesquisa exploratória é muito utilizada para realizar um estudo inicial do objetivo central da pesquisa que será realizada, ou seja, conhecer o fenômeno que está sendo estudado, de modo que a pesquisa seguinte possa ser planejar com maior entendimento e exatidão; ela pode ser realizada através de várias táticas, geralmente com uma amostra menor, permitindo ao pesquisador definir o seu problema de pesquisa e formular a sua hipótese com mais precisão, ela também lhe permite escolher as técnicas mais apropriadas para suas pesquisas e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção e investigação detalhada, e pode alertá-lo devido a potenciais dificuldades.

Conforme Minayo et al (2006), as pesquisas descritivas caracterizam-se frequentemente como estudos que procuram determinar condições, opiniões ou projeções futuras a partir das respostas obtidas. A sua valorização está baseada na argumentação que as problematizações podem ser solucionadas e as práticas podem ser melhoradas através de descrição e análise de observações objetivas e diretas. São várias as técnicas utilizadas para a obtenção de informações, destacando-se os questionários, as entrevistas e as observações. Conforme Vieira (2001), afirma que a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de determinado grupo, acontecimentos ou o estabelecimento de relações entre variantes. Envolve o uso de táticas padronizadas para reunião dos dados: questionário e observação organizada que assume a forma de levantamento, ou seja, procura evidenciar a frequência com que tal acontecimento ocorre, sua relação e a conexão com outros, sua natureza e características.

6.2 Local da pesquisa

A escolha do local para realização deste estudo teve como critério o acesso a um grupo significativo de homens que estivessem vivenciando a gestação de suas companheiras. Devido a este aspecto o estudo foi construído através da realização de visitas domiciliares aos pais companheiros das gestantes cadastradas no Serviço Integrado de Saúde (SIS)- unidade de serviço de saúde-escola no município de Santa Cruz do Sul, com o agendamento prévio das mesmas.

6.3 Sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos da pesquisa homens/companheiros das gestantes cadastradas no SIS. Como critérios de inclusão foram empregados homens que estivessem vivenciando a gestação de sua companheira, bem como aceitar assinar o consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B) previsto na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde.

Segundo Marques Filho (2011), o termo de consentimento é um documento que foi introduzido no Brasil através da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. Essa resolução engloba sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da Bioética: autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça, garantindo os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado, ou

seja, tem finalidade principal de proteger o participante, mas também deve proteger o pesquisador e a instituição (MARQUEZINE et al, 2003).

6.4 Aspectos étnicos e técnicos

Antes de ser realizada a coleta de dados, foi requerida a autorização para desenvolvimento da pesquisa (APÊNDICE A) junto à coordenação do serviço onde foram explanados os objetivos da pesquisa, metodologia utilizada e a importância do presente estudo para área da saúde. Após isso, o projeto foi encaminhado ao comitê de ética da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Para a entrevista foi solicitado para o respectivo homem a assinatura do termo de consentimento livre e informado, deixando-se uma cópia com o participante e outra com a autora-pesquisadora do trabalho.

Os participantes entrevistados da pesquisa foram identificados como Entrevistado 1..., seguindo uma sequência de letras E com o algarismo 1,2,3 respectivamente. Como por exemplo: E1, E2,E3... para certificar o anonimato dos participantes.

Baseando-se em Vieira (2001), os princípios éticos são de extrema importância para todas as práticas em saúde, mas a maneira como eles são aplicados à determinada situação, podem variar de uma cultura para a outra. Os mesmos princípios de ética aplicados na pesquisa são os mesmos que se aplicam na enfermagem prática.

6.5 Produção de dados

Os dados foram coletados a partir de uma entrevista semi-estruturada (ANEXO A), onde foram realizadas questões a partir dos objetivos iniciais do trabalho realizado pela autora deste estudo. Para Manzini (2003), a entrevista semi-estruturada trata-se da abordagem de um determinado assunto onde é confeccionado um roteiro com perguntas específicas, podendo ser complementada por outras que surgem no decorrer da entrevista. Já para Oguisso e Schimidt (1999), esse tipo de entrevista remove o surgimento de informações e respostas mais livres e não ligadas a alternativas.

Esse tipo de entrevista combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, como se estivesse em uma conversa informal, ou seja o entrevistado tem direito de discordar do tema abordado, sem propostas ou idéias prefixadas do autor Bauer e Gaskell (2002). Já de acordo com Gil (1999) a entrevista será parcialmente

estruturada quando guiada por uma relação de pontos de interesses que o pesquisador vai explorando ao decorrer da entrevista.

6.6 Análise de dados

Conforme Campos (2004), a análise dos dados é o processo pelo qual se dá ordem, estrutura e significado aos dados. Consiste na transformação dos dados coletados em problematizações acerca do tema. A partir dos tópicos estabelecidos processam-se os dados, procurando tendências, diferenças e variações na informação obtida.

Após a produção de dados, foi realizada a análise através da leitura detalhada do material. Turato (2003) retrata que depois de selecionado o foco a ser analisado procede-se às leituras superficiais de todo o material, com o intuito de aprender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise. Neste tipo de leitura os documentos são analisados, conhece-se o contexto e deixa-se fluir as possíveis categorias analisadas.

Os dados obtidos nas entrevistas foram mantidos íntegros, conforme a linguagem utilizada pelos sujeitos da pesquisa, sem resumir as respostas, sendo transcrito apenas o que mostrava relação com os respectivos objetivos. Segundo Spink (2000), organizar os dados nessa sequência, trata-se de um processo de construção que está intimamente relacionado ao objetivo da investigação. Pois a primeira leitura identifica o foco a ser seguido e a segunda o entendimento do que se quer referir com tais focos.

Os dados foram discutidos a partir das associações de idéias que de acordo com Spink (2000), ocorrem pela definição de categorias gerais, de natureza temática. A ordem das associações deve ocorrer para que se retrate a sequência das falas, podendo unir os depoimentos dos entrevistados e do pesquisador.

7 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DURANTE A PRODUÇÃO DE DADOS

Creio que na realização de um estudo científico um dos momentos de maior relevância para o aprendizado, é o de desenvolver da produção de dados. Esse aprendizado se torna ainda mais desafiador e interessante, quando as relações decorrentes disso ocorrem com pessoas dos mais variados grau de instrução acerca do tema, pois este processo envolve a interação de sujeitos em papéis distintos. É visto que o momento dos questionamentos contribui para melhor entendimento dos entrevistados em relação às suas vivências e percepções, pois estes fazem com que reflitam perante assuntos que até então não haviam pensado de maneira tão enfática como deveria acerca da paternidade. Afirmo assim, que esta experiência de coletar dados para o estudo foi de muita valia para minha formação pessoal e principalmente profissional.

O primeiro passo para realização das entrevistas foi realizar o levantamento dos prontuários das gestantes que realizavam o seu pré-natal no SIS. A partir das informações cadastrais coletadas identifiquei os telefones para realizar o contato com a gestante e seu companheiro para agendar as visitas domiciliares conforme disponibilidade destes para realização das entrevistas. Houve o acaso de algumas entrevistas serem realizadas no próprio SIS, pois houve situações em que os respectivos pais vieram acompanhando as gestantes para realização de consultas de pré-natal.

Minha inserção nos domicílios e/ou abordagem dos sujeitos ocorreu inicialmente com a apresentação Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dos objetivos do estudo, esclarecendo também outras dúvidas que os respectivos homens viessem a apresentar, após esse primeiro momento, dava início à entrevista. Ressalto que independente da situação, a acolhida por parte dos entrevistados frente minha abordagem sempre foi muito positiva, principalmente por assinarem o termo sem exitar. A disponibilidade dos respectivos pais em participar aponta que a discussão acerca das vivências e percepções da paternidade resulta na reflexão de aspectos que até então não haviam pensado e que podem ser revistos e assim contribuir para o exercício da paternidade de uma maneira mais ampla, como já foi escrito anteriormente.

As entrevistas foram realizadas através de visita domiciliar e no próprio SIS após as consultas de suas companheiras, em ambos os casos já se havia entrado em contato previamente com o respectivo entrevistado mantendo informado a cerca do que ocorreria. Em relação à duração, estas variavam, pois após a entrevista ocorria uma conversa para esclarecimentos de dúvidas gerais acerca da gestação que o respectivo entrevistado

apresentava e para finalização deixava um folder confeccionado por mim com ilustrações e dicas de como o futuro pai poderia agir durante a gestação mês a mês como se fosse seu próprio filho falando com ele. (ANEXO B)

8 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A produção de dados ocorreu a partir da entrevista com 10 homens que seriam pais pela primeira vez de idades que variavam entre 20 e 40 anos, com escolaridade que compreendia o ensino fundamental incompleto ao superior completo, relacionamentos que correspondiam de 2 há 14 anos e cujas companheiras estavam entre 8 á 40 semanas de gestação.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, as falas dos participantes serão identificados com a letra E sucedida do número, mantendo assim o critério de anonimato dos sujeitos de acordo com o que preconiza a resolução 466/12.

A partir da análise das respostas obtidas na entrevista foi possível evidenciar que nos respectivos assuntos abordados e nos questionamentos houve certa dificuldade de assimilar um significado coerente nas respostas relatadas.

Partindo desse ponto, foi possível abordar tais dificuldades a partir da explanação de cada assunto individualmente, correlacionando os conceitos buscados em diferentes referenciais com as respostas obtidas; Para a discussão os dados foram agrupados, e destes surgiram quatro categorias de análise que serão explanadas na sequência:

- ✓ Paternidade e seus significados;
- ✓ Mudanças hormonais na gestante;
- ✓ O recebimento de informações e a construção do perfil paterno;
- ✓ Mídia e serviços de saúde: A assistência no pré-natal masculino.

8.1 Paternidade e seus significados

A primeira categoria originou-se da questão acerca dos aspectos relacionados a 10 homens que foram entrevistados. A partir das respostas é possível se deparar com as manifestações variadas e confusas acerca do significado e importância da paternidade, bem como estes procuram participar da gestação de suas companheiras e das pessoas com quem dividem ou procuram opiniões não profissionais, como podemos observar a seguir:

E2: *“Bah... Significa várias coisas, que agora vai ter alguém que depende de mim e tal. Sei lá, várias coisas. Não tinha pensado dessa forma ainda. Bem difícil de descrever. Mas acho que é algo legal, acho que vai ser legal. Vai ser tri.”*

E4: *“Uma grande responsabilidade e realização.”*

E7: *“Não sei. Algo muito complexo quando não se está esperando. Falta 2 semanas pra essa criança nascer e muito pouco sei dela. Sensação estranha. Responsabilidade que até agora não consegui assimilar e definir. Que tudo isso mude após o nascimento.”*

A partir de tais respostas descritas acima, baseando-se em Freitas et al (2009), a paternidade trata-se de algo realmente difícil de se atribuir significados, pois isso envolve fatores intrínsecos e extrínsecos que estão alicerçados na identidade masculina, que irão refletir totalmente na sua formação e desenvoltura como pai. A percepção de si, os valores internos e a maneira a qual ocorreu essa novidade em sua vida, vão refletir totalmente no significado que irão atribuir a paternidade, esse significado na maioria das vezes é positivo, mas pode ser encarado como algo negativo também.

Almeida e Hardy (2008) abordam a idéia de que a atribuição de mantenedor e guardião do lar como significado do que é ser pai, também é algo muito comum e estigmatizado na sociedade. A idéia de vivenciar a gestação ao lado da companheira, bem com participar ativamente através do amor e dedicação a criação de um filho, na concepção de grande parte dos homens é um papel totalmente feminino. Ou seja, o significado da paternidade limita-se na responsabilidade em prover coisas materiais que ajudem no desenvolvimento da criança e evitar o envolvimento na criação diretamente. (GRZYBOWSKI & WAGNER, 2010)

Conforme Cunico (2014), tem-se registrado que nesses últimos anos tem surgido um novo perfil de pais, que participam ativamente da gestação desde a concepção à vida adulta; essa participação não se dá somente como provedor, mas sim que divide responsabilidades e tarefas com sua companheira. Atribui o significado de paternidade a função de ser presente ao máximo possível, dar amor e compreensão ao filho, bem como educar dando resposta às suas necessidades mais básicas, de maneira material ou não, para que ocorra o seu saudável desenvolvimento quanto ao aspecto físico, emocional, psicológico e espiritual. Nas entrevistas foi possível se deparar com respostas que emergissem esse novo perfil de pai:

E1: *“Nas consultas que é possível eu acompanhar vou junto com ela, mesmo que seja pra ficar de fora do consultório. Na ecografia pra ver o sexo foi à única vez que entrei, pois dessa eu não podia abrir mão de participar, né!? Procuro ser compreensivo pra que ela se mantenha calma, procuro passar proteção e segurança a ela, ajudando no que me é possível.”*

E3: *“Faço o que eu posso... Tudo, tudo mesmo. Conversamos sobre tudo. Acompanhei ela nos exames do primeiro trimestre e participei da primeira ecografia.”*

E7: *“De todas as maneiras. Eu usei muito a internet pra me nortear e como agir, além de tirar muitas dúvidas com um professor aqui de vocês, que também me indicou o serviço aqui. Mas procurei me informar de todas as maneiras, tanto acompanhando ela nos sintomas no dia-a-dia como em informações da internet. Quando ela realizava pré-natal com a médica dela, eu não participava das consultas pelo fato de postura e conduta da médica, pois o fato de ser a primeira gravidez dela, esta deveria de ser mais atenciosa e explicar as dúvidas que minha esposa trazia, mas nada disso acontecia. Ela poderia ter sido mais atenciosa e ter um pouco mais de educação. E tenho certeza que se eu entrasse junto no consultório iria ter desentendimentos com ela. Por isso digo que a internet foi uma grande*

aliada para me esclarecer dúvidas acerca do desenvolvimento da criança, além de me interar sobre parto, como dar banho, etc. Na verdade eu fui um apaziguador das dúvidas dela, pois sempre procurei me informar pra poder ao menos saber responder algo, além de estar sempre a disposição pra apoiá-la.”

Diante desse novo perfil paterno, pode-se evidenciar que o homem tem deixado de lado a o significado de pai como provedor utilizado pela sociedade e tem se “metido” totalmente na criação do filho, que já começa a ser idealizada antes mesmo de se tornar pai. Segundo Silva (2010), os homens tem entendido que ser pai é exercer com amor e dedicação a condição de vida do filho, cuidar da educação e proteger, enfim trata-se de tarefas a cumprir bem como tarefas a desempenhar.

Deve-se levar em conta, que atribuir um significado a paternidade é muito ampla, pois isso é muito pessoal de cada homem, ainda que tal significado dependa muito de outros fatores que terão grande impacto em sua desenvoltura. No estudo realizado, o público entrevistado estava bem dividido em relação a tal, pois muitos ainda têm por significado de paternidade somente responsabilidades financeiras a cumprir, deixando de lado o fato de ser presente e ajudar a companheira na criação, o lado positivo é que é possível evidenciar que realmente esse novo perfil paterno está ganhando espaço e se consolidando.

8.2 Mudanças hormonais na gestação

Como se sabe, baseando-se em Venelli e da Silva (2011) a gestação é um evento de grande impacto físico, mental e espiritual para a mulher, pois esta acontece exclusivamente no seu corpo. Porém na maioria das vezes, algo que é relatado como uma das maiores dificuldades no período da gestação tanto pela própria mulher e principalmente por seus companheiros é a questão da mudança hormonal que de uma maneira imprevisível ocorre neste período, causando impacto no físico e em especial no comportamento desta.

Segundo Campos (2010), cada mulher é diferente da outra nessa questão, pois muitas vezes a variação hormonal existe e em algumas nem ocorrerá. É visto que essa mudança hormonal muitas vezes deixa a mulher ora sensível e ora extremamente irritada, em outros momentos em demasiada alegria e num segundo, totalmente chorosa, etc; ressaltando que essa variação de humor pode perdurar de 3 meses ou persistir até o fim da gestação. (ALMEIDA, 2005). Os homens participantes deste estudo relataram os seguintes acontecimentos:

E1: “No começo... No começo ela estava bem agitada, se irritava muito fácil e chorava, mas agora não. Sempre procurei entender isso, e acho que essa atitude ajudou a não abalar nosso relacionamento.”

E2: *“Teve sim, principalmente de humor. Mas não prejudicou não, isso é normal eu acho, tranqüilo. Sempre foi legal o lance entre eu e ela. Só o humor que oscilava bastante, né!? As vezes ela tá nervosa ou tá chorando, mas entendia, bem tranqüilo.”*

E5: *“Mudou até demais. Irreconhecível. No avançar dos meses, seu humor ia ficando bem instável, difícil de lidar. Por isso demos um tempo até o bebê nascer pra ver como tudo ficará. Mas nos falamos por telefone e até assim é bem complicado. A gravidez desencadeia bipolaridade? Acho que esse é o melhor termo pra definir o humor dela nesse período.”*

Tendo em vista que uma das variações hormonais mais comuns de ocorrer é a questão da instabilidade de humor, que geralmente é refletido em forma de irritabilidade ou fragilidade, conforme relatos acima é possível evidenciar que acerca da variação hormonal os homens têm as mais diferenciadas reações, que vão desde encaramento da situação como algo normal e de compreensão, bem como aqueles que vêem tais mudanças como algo positivo e de enfrentamento conjunto, aos que vêem como algo de difícil manejo não sabendo lidar com o tal.

Onofre e Boris (2012) relatam que apesar de os homens não gerarem os filhos, apresentam as mesmas sensações que suas companheiras como aumento do apetite, distúrbios gástricos, constipação e dificuldade de dormir, e em alguns casos também irritação. Isso ocorre devido à ansiedade que envolve todo o processo de identificação do pai com a mãe, enfim uma adaptação à nova realidade que passa a fazer parte de sua vida. Tendo em vista que as alterações fisiológicas e psicológicas que ocorrem neste período se iniciam antes mesmo da confirmação da gravidez, pois esse processo trata-se de um período de adaptação às mudanças metabólicas, hormonais e físicas, enfim terá que conviver por um período ou durante toda gestação com enjôos, sensibilidade, irritação, aumento de peso e inchaço. (BENUTE, 2009).

Conforme Hamesky (2003), é visto que todas estas manifestações provocam na mulher certo desconforto, principalmente nas que passam por tal vivência pela primeira vez, enfrentando assim positiva ou negativamente esse fato e é esta certa dificuldade de lidar com as mudanças e novas adaptações que deixam o respectivo homem confuso quanto a como agir frente ao seu papel como companheiro e preparo como pai. Diante todas essas modificações, segundo Hernandez e Hutz (2008), a mulher ao mesmo tempo que se preocupa se a formação da criança está ocorrendo bem, se assusta com a série de sintomas que passa a ter e principalmente com as mudanças físicas que vão surgindo no avançar dos meses, como por exemplo o aumento de peso, pois se preocupam em achar que não conseguirão voltar ao corpo anterior e que isso diminuirá o interesse de seu companheiro, enfim isso torna-se mais um

fator que de certa forma contribuirá para sua insegurança e por consequência poderá refletir no relacionamento.

A mudança corporal também é citada como algo de percepção pelos homens entrevistados, porém não um fator que crie conflitos no relacionamento, é visto que tanto isso quanto as oscilações de humor também são bem compreendidas por eles, como podemos acompanhar nesses depoimentos:

E6: *“O que tem acontecido tem sido só mudanças físicas, comportamentais não, só físicas. Ela engordou bastante, uns 15 kg e nessas últimas semanas está bem inchada, principalmente o rosto e os pés.”*

E7: *“Sabe que não!? Ela não teve mudança nenhuma de humor, e corporal só ganhou os quilos referentes a gravidez mesmo. Ela sempre se cuidou, e depois que engravidou passou a cuidar ainda mais da alimentação. Pra te ter noção, ela só teve azia, mas náuseas e vômitos nunca. Acho que o fato de ter sido tranqüila, aliás estar sendo, não causou nada nenhuma mudança de humor como todos costumam relatar. Nossa! A gravidez pra ela só soou como algo muito positivo, pois pude ver o quanto ela amadureceu como mulher e se preparou pra ser uma boa mãe... Na verdade nunca tive dúvidas que seria uma excelente esposa e mãe. Por isso te afirmo, que as mudanças que ocorreram só foram pro bem, pro crescimento e realização dela, realização nossa.”*

A partir disso, é visto que a maioria dos casais vivência o período da gestação com muita alegria e euforia, ainda que o homem num primeiro momento sente-se indagado quanto às mudanças que ocorrem em sua companheira, e principalmente as ações que deve de tomar frente a elas para que possa conduzir da melhor maneira tais acontecimentos e isso não interferir na relação.

8.3 O recebimento de informações e construção do perfil paterno

Os pais entrevistados também foram questionados em relação às experiências pessoais adquiridas acompanhando gestações de pessoas próximas e/ou principalmente se as informações que pessoas do seu círculo de convivência procuravam passar eram absorvidas e assim contribuíram para seu futuro como pais, além de possíveis dúvidas e dificuldades que estes estavam apresentando nesse período. As falas citadas a seguir se referem a este aspecto:

E1: *“Não tenho vivência nenhuma, pois sou papai de primeira viagem e que não lê muito sobre o assunto, mas estou procurando aprender junto dela, assim acho que a experiência é mais rica.”*

E7: *“Ah... Com certeza! Sempre usei a gestação da minha mãe como referência. Embora não ter muitas lembranças, ela sempre me contou que foi algo muito bom apesar das adversidades que a mulher enfrenta nesse período. Ao contrário da minha sogra a qual procuro manter bem afastada, pois só fica assustando-a em relação ao parto. Ainda bem que minha esposa nunca se deixou levar por ela, para*

isso fui muito atrás de referenciais e depoimentos de minha mãe e amigas pra provar o contrário pra ela. No mais estamos aprendendo juntos.”

E9: “Sim, meus amigos que já são pais falam coisas às vezes. Dizem que embora a gente se prepare pra ser um bom pai durante a gravidez, referem que após o nascimento eles tudo muda, e passamos a sermos verdadeiramente pais quando entendemos e vivenciamos cada momento do bebê após o nascimento.”

E10: “Um pouco, sempre tem as dicas caseiras dadas por amigos e familiares, mas as maiores informações mesmos que procuro absorver é as que temos durante as consultas, que são as que os profissionais nos dão.”

A partir das falas acima, é possível ver que estas traduzem que de maneira direta ou indireta as opiniões de outras pessoas contribuem sim para o seu desempenhar como homem e futuro pai durante a gestação, bem como, alguns reforçam que este agir como pai é mais enriquecido quando o casal procura vivenciar e aprender juntos nesse momento.

Conforme Benczik (2011) é possível evidenciar um novo modelo de pai, que foge dos estigmas que a sociedade ainda insiste em pregar de que ser pai baseia-se em prover as necessidades da casa e dos filhos, deixando a educação e demais cuidados sobre responsabilidade da mãe. É visto que esse “novo pai” apesar de todas as informações e conselhos que recebe de terceiros ou pessoas próximas, seleciona só o que é positivo e a partir disso procura agir e construir seu proceder como pai, mesmo antes do nascimento de seu filho.

É visto que o pai da atualidade procura se inteirar da transição da gestação ajudando naquilo que lhe é possível, ou seja, muito mais do que se preparar para ser pai, não deixa de ser um companheiro presente que presta a devida assistência a sua esposa, seja de maneira direta ou indireta. (GOMES & RESENDE, 2004).

Gomes (2003) retrata que a marcha do homem para ser um pai presente é lenta, porém aos poucos vem ganhando espaço e assim se desmistificando da imagem a qual ainda se tem, de que o homem não passa de provedor e dominador do grupo familiar. É visto que o apoio e informações que estes recebem de outras pessoas, bem como a própria iniciativa de demonstrar interesse em querer participar tem contribuído para essas mudanças acontecerem. (GABRIEL & DIAS, 2011).

Fica evidente a partir dos relatos dos pais deste estudo, que estes percebem o quanto é necessário e de extrema importância a sua inserção e participação durante a gestação e o quanto isso soa positivo para si e para sua companheira, que passam a se sentir mais seguras com este passo dado por eles em se inteirar sobre a gravidez, e selecionando o que é de relevância ou não a partir das experiências que os outros trazem e assim aplicar na experiência a qual estão vivenciando.

Segundo Silva (2010), outro fator que pode contribuir muitas vezes para o futuro pai se mostrar confuso ou coagido com os estigmas que a sociedade salienta sobre o perfil paterno, é as dúvidas e dificuldades que estes muitas vezes apresentam e que em sua concepção acreditam soar como algo que transmita insegurança para sua companheira, que também pode estar insegura frente a esse acontecimento; sendo assim acreditam que se eximir da participação é a melhor atitude a ser tomada, pois assim não demonstram tal insegurança.

Os relatos dos pais que participaram deste estudo indicam que eles tem plena consciência de seu papel como provedor, mas de extrema importância como um pai presentes desde a gestação naquilo que lhe é possível ser, não relatando ter dificuldades ou dúvidas em se inserir e assim demarcar seu espaço durante esse período. É possível observar nas suas manifestações que ele, na medida do possível, sabem lidar com os enfrentamentos que possam surgir, conforme pode se constatar a seguir com as falas:

E2: *“Eu não tenho dúvidas, pra mim está sendo bem tranquilo. Deixar passar essa fase e depois bola pra frente, com o bebê aqui de certa forma vai ser mais fácil.”*

E7: *“Nenhuma. Depois que mudamos pra fazer o pré-natal aqui com vocês, todas que tínhamos foram esclarecidas. Hoje vamos aprender sobre parto, desde que começamos a fazer aqui tenho participado de todas as consultas, estamos adorando, e aprendendo muito. É de profissionais atenciosos assim que o mundo precisa hoje, que deem muita atenção a tudo que trazemos de dúvida ou insegurança por mais óbvio que seja.”*

E9: *“Não tenho dúvida, só me preocupo com o desenvolvimento do bebê está ocorrendo bem. Por exemplo, depois dessa segunda ecografia, se tiver tudo formado direitinho, vou ficar tranquilo.”*

A partir dos relatos acima, observa-se que estes não citam nenhuma dúvida ou dificuldade evidente, apenas preocupações que são normais de ter em relação ao bem estar do bebê e da mãe. É visto também que novamente a opinião e empenho dos profissionais em esclarecer todas as dúvidas trazidas, também pode ser considerada como um fortalecedor do perfil e segurança deste futuro pai.

Sendo assim, baseando-se em Silva e Silva (2009), a gestação exige várias adaptações por parte do casal, principalmente do pai, já que este não sente o filho crescer dentro de si as adaptações biológicas e psicológicas muitas vezes requerem uma atenção maior, e o fato de poder contar com a ajuda dos conselhos de pessoas próximas e até mesmo dos profissionais ajudam-no em seu preparo como pai, deixando-o mais seguro, agindo de acordo com suas próprias decisões e assim se enquadrando no novo perfil de pai da atualidade.

8.4 Mídia e Serviços de Saúde: A Assistência no Pré-Natal masculino

Branco et al (2009) pontua que a idéia de criação de um pré-natal masculino iniciou-se a partir da ênfase do Ministério da Saúde na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, já que há resistência por parte do homem em procurar recursos para cuidado de sua saúde, já que os agravos de saúde do sexo masculino são considerados grandes problemas de saúde pública. Assim, conforme Santos e Ferreira (2012) essa resistência baseia-se no mesmo motivo que os homens muitas vezes têm em participar da gestação, ou seja, a questão sócio-cultural, estigmas que a sociedade impõe exaltando a imagem de um homem autosuficiente, inatingível e forte, encontrando-se assim um despreparo até mesmo por parte dos serviços de saúde em dispor de sistemáticas para atender este grupo.

Baseando-se em Oliveira e Silva (2012), diante dessa triste realidade de resistência por parte do homem, o Ministério da Saúde vem apoiando iniciativas e estratégias que viabilizem o acesso destes ao serviço. E a partir da mesma resistência que alguns também apresentam em serem participativos da gestação, em 2010 durante o I Seminário Internacional de Saúde do Homem das Américas, foi sugerida a criação de um Pré-Natal masculino como complemento de tal política já existente.

O objetivo desta iniciativa é fazer com que os profissionais das redes de saúde aproveitem esse momento de sensibilidade do homem durante o período da gravidez, para incentivá-lo não só a acompanhar as consultas e exames, mas também para que ele realize exames e se apresente saudável para receber bem seu filho. Ou seja, é necessário que ele se cuide, para cuidar bem da família, além proporcionar e reforçar o vínculo da tríade pai-filho-mãe. (REBERTE & HOGA, 2011).

Porém, apesar desse incentivo por parte do Ministério da Saúde, nas palavras de Pereira e Neves (2010), ainda é visível que o pré-natal masculino é desconhecido ou ignorado por parte da mídia e dos profissionais de saúde, que por preguiça ou até mesmo por provável resistência sócio-cultural prefere deixar passar em branco a participação dos pais nesse momento que deveria ser de aprendizado mútuo entre ele e a companheira. É visto que os homens possuem tantas ou mais expectativas do que a mulher nesse período, e trazê-lo para dentro das consultas seriam mais questões a serem esclarecidas e uma abordagem totalmente diferente da que já ocorre, ou seja, o lidar com o novo também é algo difícil até neste caso.

Diante destas referencias, um dos questionamentos feito ao grupo de entrevistados foi em relação a sua opinião frente a deficiência da mídia e serviços de saúde em relação ao incentivo da participação do homem durante a gravidez, e estes fizeram os seguintes relatos:

E1: “É...Sim. Quando minha esposa liga pra marcar consulta eles nunca dizem pro pai ir junto, eu sempre que pude acompanhei minha esposa, e nem se quer me convidavam pra entrar junto. Ela ia lá, consultava e eu ficava esperando na sala de espera. A única vez que entrei foi no dia do exame pra ver o sexo. Faz falta ter propagandas na tv que incentivem a gente a participar das consultas e iniciativa por parte dos profissionais em nos convidar a entrar também.”

E3: “Óbvio que sim. Simplesmente quando o homem leva a esposa em uma consulta crente que vai participar também, só chama ela, nem convidam a gente. Parece que o homem serve só pra levar e ficar esperando do lado de fora. Faz bastante falta sim ter este reforço da participação.”

E4: “Bastante, principalmente por parte da mídia, pois ela tem muito impacto em tudo que divulga. Creio que no momento que ela enfatizar mais a questão da participação do homem na gestação, mudará a visão que muitos tem de que a participação do homem é somente na parte financeira.”

E7: “Bah! Seria ideal. Não sei como não tiveram essa iniciativa mesmo. Porém acredito que cabe a consciência de cada um ter iniciativa em querer participar. Por exemplo, eu cresci sem referência de pai, mesmo ele estando vivo nunca me procurou enquanto pequeno, porém hoje nosso relacionamento é bom. Eu sempre desde pequeno pensava em ser um pai participativo, pois tudo que não tive de participação do meu pai sempre almejei para por em prática quando eu fosse um. Por isso digo: falta sim a mídia e profissionais de saúde frisar a participação dos pais e direitos que temos, porém é de berço que vem o caráter que é de extrema importância para o bebê e mulher que o homem esteja envolvido na gravidez, pois já que o bebê não cresce em nós, o mínimo que podemos fazer é participar de todas as maneiras.”

E10: “Acredito que poderia ser mais frisado sim. Existi esse estímulo, mas não há divulgação; tudo acontece na camuflagem. Mas acho que depende também de livre espontânea vontade do pai querer participar disso. Por exemplo, daqui ficamos sabendo por que tu nos falaste aquele outro dia, e agora estamos divulgando pra outros casais de amigos.”

A partir de tais falas, é possível observar que os pais entrevistados reafirmam o que os autores trazem a cerca da ausência de divulgação e estímulo de participação por parte deste público, principalmente por parte da mídia em não frisar esta questão. Outro ponto a ser ressaltado é que os profissionais embora estejam cientes que devem promover a participação dos pais quando este leva a gestante as consultas também é inexistente ou ignorada por parte deles, bem como houve um relato que reconheceu que muitas vezes o homem que deixa passar tal oportunidade de maneira consciente.

Santos e Ferreira (2012) apontam que embora o Ministério da Saúde faça toda uma recomendação para que os serviços de saúde promovam o pré-natal masculino, a prática deste ainda é restrita aos estados de Rio de Janeiro e São Paulo. É visto que a realização do pré-natal masculino principalmente por parte dos serviços de saúde seria de suma importância, pois despertaria o reconhecimento nos futuros pais frente à ênfase dada a valorização da participação destes, onde evidenciariam por si mesmo o quanto é possível este ajudar e incentivar sua companheira, e assim preparar-se de maneira mais segura para receber seu filho e continuar ajudando a companheira também no puerpério. (ALBANO et al, 2010).

Atentando para outro ponto de vista, segundo Oliveira et al (2009), promover a saúde do homem, incentivar mais a participação dele em acompanhar sua companheira nas consultas de pré-natal seria um viés a ser usado para reforço também para incentivá-los a cuidar da sua saúde, pois nessa ocasião estaria se aproveitando mais a presença deste no serviço de saúde.

É visto que tudo que envolve divulgação na mídia requer grandes gastos, mas há maneira de divulgar que a própria entidade de saúde em acordo com os demais profissionais podem promover, como folders, cartazes e realização de grupos onde reforcem bastante o quão importante é a participação do pai nas consultas de pré-natal e nos auxílios e aprendizagens junto de sua companheira. Porém é visto que cabe ainda mais o Ministério da Saúde reforçar e até mesmo cobrar isso como uma meta a ser cumprida por tais serviços. (OLIVEIRA E SILVA, 2012).

Segundo Rocha et al (2012), apesar de essa divulgação e incentivo ainda ser deficiente, é possível se deparar com os primeiros passos a serem dados por parte dos profissionais, em especial os de enfermagem, que a partir da lei que o respalda para realização de PN de baixo risco (Lei nº 7.498, e da resolução COFEN nº 271/2002 que a reafirma, diz: *“O pré-natal de baixo risco pode ser inteiramente acompanhado pela enfermeira* (Ministério da Saúde, Brasília 2000). Ou seja, na rede pública de saúde o enfermeiro é respaldado por lei a realizar consultas de PN, e assim pode realizar a inclusão e estímulo da participação por parte do pai vêm, pois para a realização dos exames de sorologia através dos testes rápidos de HIV, Sífilis e Hepatite B requerem que o pai acompanhe sua companheira nas consultas para realização do mesmo para assim orientá-lo sobre os possíveis resultados.

É claro que existem alguns fatores que dificultam à participação dos pais na gestação, a começar pelas consultas que quando realizadas na rede pública realmente são inviáveis de se comparecer a todas as consultas, pois geralmente no horário em que elas ocorrem o homem está trabalhando, e faltar ao trabalho acaba tornando-se inviável sua efetiva participação, já que não existe lei que o respalde para poderem acompanhá-la, esse é um dos fatores que dificulta a participação do respectivo homem (PAULA et al, 2010).

Outro obstáculo que dificulta o incentivo da participação do homem após o nascimento da criança é a licença paternidade, que segundo Pereira e Neves (2010) ressalta que apesar de ser também uma conquista recente, ainda é irrelevante levando em conta que são somente cinco dias à qual este tem direito. E o que são cinco dias se comparado com a demanda de cuidados que a mãe e a criança merecem quando estão em casa? Evidenciando esse outro ponto é que vemos o quão ainda a participação dos pais na gestação é tida como não tão importante pela grande maioria da sociedade.

Apesar de não ser tão divulgado isso e muitas vezes o homem só ficar sabendo desse seu direito quando a equipe o comunica, além do desejo de participar do parto de suas companheiras, é visto que os respectivos pais estão inteirados disso, como é possível constatar nas falas a seguir:

E4: *“Sim! Para dar apoio a minha esposa e participar de todos os momentos da vida de nossa filha desde o nascimento. O benefício é de poder participar e ter essa lembrança de maneira única mesmo que venhamos a ter mais filhos.”*

E7: *“Eu estou muito feliz depois que descobri que tem lei que autoriza o pai a participar do parto, vários falam que tem médicos que proíbem isso. Se me disserem isso no dia, vou dizer da lei que me defende. Eu quero sim, quero eternizar esse momento em minha memória, quero estar lá para recebê-lo e vivenciar intensamente cada suspiro da minha esposa, segurar sua mão. Tanto que não quero que tirem fotos do nascimento, pois parece que depois que passa a gente materializa aquilo e faz questão de esquecer o que se vivenciou ao vivo pra poder olhar pra um pedaço de papel. Tudo quero memorizar, pois não há lembrança melhor do que aquela arquivada no coração e pensamento. Enfim, será benéfico pra mim e ela, pois esse é o ápice da intimidade de um casal. Benéfico no sentido de realização.”*

E8: *“Eu quero participar muito sim. Porque o maior benefício que isso trata é a felicidade materializada através de um pedacinho de cada um de nós.”*

E10: *“Sim... Digo, na verdade vou ter que trabalhar essa ideia ainda, pois acho que desmaiaria vendo todo o processo de parto, sou muito frágil nessas questões de sangue e tal. Eu gostaria muito, mas tenho que estar bem preparado psicologicamente pra não fazer minha esposa e filho passarem vergonha no dia de seu próprio nascimento. Os benefícios são a alegria e satisfação que tal momento deve proporcionar.”*

Como é possível observar-se nas falas dos participantes, todos tem desejo e a total certeza de que querem participar do momento do parto, e tem total consciência de que sua participação na sala é respaldada por lei, bem como é percebível o quanto tal participação é almejada e de suma importância para eles.

Se fizermos um retrospecto da história tanto pela teoria da criação quanto da evolução, quando ainda não havia parteiras e etc, quem auxiliava a mulher no momento do parto era o homem, ou seja, isso era um momento muito íntimo do casal. Sendo assim, é visto que depois que o parto no domicílio passou a ser realizado nos hospitais, à família foi afastada do processo de nascimento, se pararmos para analisar a realidade da institucionalização do parto, vemos que a estrutura física e as rotinas hospitalares foram planejadas para atender as necessidades dos profissionais de saúde e não das gestantes. Devido à aceitação e estigmatização da sociedade acerca da realização do parto por profissionais da área obstétrica o pai tem sido excluído do processo de parto e nascimento do bebê, sendo esquecido do lado de fora do Centro Obstétrico (CO), permanecendo ainda longo tempo sem receber qualquer sobre o andamento do trabalho de parto (ALEXANDRE & MARTINS, 2009).

O pai da atualidade não deseja copiar padrões antigos nem ocupar o lugar da mãe. Apenas busca com seus próprios esforços, construir uma relação mais afetiva com seus filhos. Em junho de 2000, foi criado o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), a partir das Portarias do Ministério da Saúde nº 569, 570, 571 e 572. Conforme Carvalho (2009), esse programa busca melhorar o acesso, a cobertura e a qualidade do acompanhamento pré-natal, do parto ao puerpério e ao recém-nascido, na perspectiva de evidenciar os direitos de cidadania das mulheres.

Conforme Rocha et al (2012), mesmo os pais sendo respaldados por lei, ainda é comum se deparar com o impedimento ou negligenciamento por parte dos médicos desse direito assegurado aos mesmos, muitas vezes pelo simples fato de este pai não ter sido preparado anteriormente para esse momento e assim não saber se portar no momento do ocorrer do parto.

E é nesse ponto, além de outros já mencionados neste trabalho, que o profissional enfermeiro merece grande destaque, que possuem especializações na área da obstetrícia, como parteiras ou doulas, já que tem feito esse “meio de campo” para que o pai possa participar não só durante as consultas de pré-natal, mas também na hora do parto, ainda que não tenha recebido informações anteriormente, este o prepara para ser um mero expectador ou de participação ativa, a partir de capacitações antes do nascimento da criança dentro do próprio centro obstétrico a partir de temáticas abordadas no parto humanizado. (SILVA & LEMOS, 2014).

Motta (2005) já tinha uma visão do quão importante é a participação do pai no parto, já que este é o ápice de todas as tensões e anseio que se acumularam durante nove meses de gestação tanto na mulher quanto no homem, neste último bem mais. Prepará-lo para esse momento, e ser um facilitador de seu acompanhamento retrata uma relação de soliariedade e reconforto psicológico, algo que é determinante para o fortalecimento de vínculo entre a tríade pai-filho-mãe.

Enfim, conciliar o incentivo por parte da mídia e serviços de saúde sobre o pré-natal masculino, tornar evidente os direitos paternos nesse momento tão único, reforçando a importância disso não só para o homem, mas para mãe e o filho são situações que demandarão tempo para se concretizarem. Porém essas poucas movimentações isoladas já são grandes passos que estão sendo dados, e que futuramente hão de fluir naturalmente. Para isso deve haver união por parte de todos os lados, começando pelos próprios pais a tomarem a iniciativa de reivindicarem seus direitos, com respaldo legislativo para um número x de consultas a participar durante a gestação, e uma licença paternidade de duração maior para que de

maneira mais intensa possa vivenciar honradamente este momento tão especial e exercitar sua paternidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaborar as reflexões finais sobre este estudo ressaltou os objetivos que o conduziram, que no caso foram o de conhecer as experiências dos homens em relação à gestação de suas companheiras, identificar como a gestação é vivenciada pelos futuros pais no que se refere a sua relação com a gestante e a percepção de alterações corporais e psicológicas nesse período, investigar quais são as informações que os homens e futuros pais recebem neste período e identificar as necessidades de assistência de enfermagem para os homens em todo contexto da gestação.

No que se refere às experiências que estes possuem em relação à gestação de suas companheiras, foi possível constatar que apesar de todos estarem vivenciando a paternidade pela primeira vez, as manifestações frente às possíveis situações que estavam ocorrendo neste período estavam sendo encaradas de maneira positiva e de total compreensão por parte destes. As manifestações do grupo de pais entrevistados evidenciam o quanto estavam vivenciando da maneira mais presente possível a gestação de suas companheiras e o quanto estavam apreendendo e crescendo com tal iniciativa.

Os pais do referido estudo em sua totalidade destacaram o quanto sua iniciativa em participar de alguma forma da gestação foi benéfica principalmente para as companheiras que sempre se mostraram receptivas perante tal atitude, além de poder contar com este para dividir ansios e ter apoio nos momentos necessários. Outro aspecto trazido por estes, é que as mudanças corporais foram pouco percebidas como problemática na relação, bem como ao contrário do que alguns referenciais trouxeram, de que o homem muitas vezes reage negativamente frente às mudanças corporais e principalmente emocionais de sua companheira, problemática trazida pelo grupo, porém de reação positiva por parte deles que sempre entendiam tal mudança de maneira normal, e que por isso não acarretou nenhuma interferência no relacionamento com sua companheira.

Em relação às informações que esses homens receberam durante a gestação acerca de como proceder e etc, foram também citadas por todos. Foi possível observar que apesar das informações recebidas por pessoas de seu ciclo de convivência acerca de como ser um bom pai, sobre parto e cuidados a se ter com o bebê, bem como atitudes observadas por estes, de maneira direta ou indireta foram absorvidas, porém somente aquilo que consideravam de valia, construindo assim seu perfil como futuro pai junto de sua companheira e vivenciando cada novidade de maneira mútua e única.

Quanto à assistência prestada a esse público, é vista que ainda há certa deficiência por parte dos serviços de saúde e mídia em promover e estimular a importância da participação ativa do homem como futuro pai desde os primórdios da descoberta da gestação e que através desse estímulo também promover o cuidado a sua saúde, que até então as estatísticas são bem alarmantes para o descuido e falta de adesão que estes têm em procurar o serviço de saúde para seu próprio bem estar. Sendo o Pré-natal uma oportunidade de trazê-lo aos serviços de saúde.

Ressaltando ainda o que foi abordado anteriormente, é visto que a demonstração de interesse por parte dos pais em compartilhar desse momento com sua companheira é real, e que na identificação disso, deve-se estimular ainda que de maneira individual para que além de que este homem se descubra como pai, tenha a ciência de que muito mais que provedor de matéria para sobrevivência, ele precisa prover afeto para que o desenvolvimento da criança possa ocorrer da forma mais qualificada possível, e o relacionamento entre a tríade pai-filho-mãe possa colaborar na formação de sua personalidade. E a partir desse estímulo individual os profissionais de saúde devem pensar em estratégias de realizar o PN masculino e assim tornar esse advento de conhecimento comum.

É visto que tal iniciativa de promover a participação paterna na gestação e parto já são realidades que aos poucos vem ganhando espaço, graças ao trabalho dos profissionais de enfermagem que aprofundam seu conhecimento na busca de especializações na área da obstetrícia e procuram trazer inovações para seu ambiente de trabalho, se solidarizando e assim dispendo de iniciativas para colocar em evidência na gestação o referido pai assim como a mãe e o bebê.

Entretanto, como já referido, aos poucos o homem vai sendo inserido nesse aspecto, e para que este processo ocorra de maneira mais rápida é necessária a ampliação da divulgação da importância da participação paterna na gestação, principalmente dos direitos a qual estes são respaldados a desfrutar, e isso só será possível quando esses homens demonstrarem o quanto tal participação será positivo para si, reivindicando melhores seus direitos como pai e unindo forças com a mídia e serviços de saúde para de maneira mais rápida sua participação e interesse serem estimulados, assim exercitando e fortalecendo sua paternidade.

Neste sentido o estudo em termos de contribuição para a enfermagem evidencia o quanto o nosso papel profissional é relevante na realização de ações que insiram efetivamente o pai nesse processo. Ou seja, nosso trabalho poderá impactar de forma positiva na vida destas família e dos futuros cidadãos, que se sentiram mais amados e conseqüentemente mais felizes e saudáveis.

REFERÊNCIAS

ALBANO, B.R., BASÍLIO, M.C., NEVES, J.B., Desafios para a inclusão dos homens nos serviços de atenção primária à saúde. **Rev. Enf. Integrada**. 2010;3(2):554-63.

ALEXANDRE A.M.C e MARTINS M., A vivência do pai no trabalho de parto e parto. **Cogitare Enfermagem**, v.14, n.4. 2009.

ALMEIDA, Faustino; HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 571, abr. 2008.

ALMEIDA, M.G.G. **Quando dois se tornam três**: reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Universidade de Aveiro, Portugal, 2005.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BELTRAME G.R. e BOTTOLI C. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. **Barbarói**. 2010 (32):205-26.

BENCZIK, E.B.P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Rev. Psicopedagogia**, 2011; 28(85): 67-75.

BENUTE, G.R.G. **Aspectos emocionais da gravidez e do pos-parto**. Cap 2. p. 19-26, São Paulo: Roca; 2009.

BORNHOLDT E.A., WAGNER A., STAUDT A.C.P., A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Psicol. clín.** 2007; 19(1): 75-92. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/06.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

BRANCO V.M.C., CARVALHO M.L.M., COUTINHO, A, SICURO, A. **Unidade de saúde parceira do pai**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2009 (1) 24 p.

CAIRES T.L.G e VARGENS O.M.C., A exclusão do pai da sala de parto: uma discussão de gênero e poder. **Rev Enf Ref** [Internet]. 2012; 3(7):159-68. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ref/vserIIIIn7/serIIIIn7a17.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4.

CAMPOS, Láyla Pereira Lobato. **As repercussões psicológicas da gravidez no pai**. Mental, ano IV, n.7. Barbacena – nov., 2010.

CARVALHO J. B. L. et al. Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. **Rev RENE**, 2009.

CLEMENTE, Fabiane. **Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: Alguns conceitos básicos**. (2007). Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informese/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitosbasicos/14316/>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

COIMBRA, L.C et al. Fatores associados à inadequação do uso da assistência pré-natal. **Rev Saúde Pública**, v.7, n.4, p.456-462, São Paulo, 2003.

COSTA, Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Rev. Estud. Fem.** 2002; 10(2): 339-356.

CÚNICO, Sabrina Daiana. **Significados atribuídos à paternidade por mulheres chefes de família de periferia urbana**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2014.

FREITAS, W. M. F.; SILVA, A. T. M. C.; COELHO, E. A. C.; GUEDES, R. N.; LUCENA, K. D. T.; COSTA, A. P. T. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

GABRIEL, M.R. e DIAS, A.C.G., Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia**, 16(3), setembro-dezembro/2011, 253-261.

GERHARDT T.G. e SILVEIRA D.T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antonio C. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo. Atlas, 1999.

GOLDIM J.R., CLOTET J., FRANCISCONI C.F. **Consentimento informado e a sua prática na assistência e pesquisa no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUC, 2000.

GOMES A.J.S, RESENDE V.R., O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.** 2004. 20(2):119-25.

GOMES, A.J.S., **Paternidade contemporânea:** Um estudo sobre o pai presente num contexto familiar estável. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de São Paulo, Assis/SP, 2003.

GONZALEZ A.D. et al. A percepção do acompanhante no processo do nascimento. **Cogitare Enferm** [Internet]. 17(2):310-4. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/27889/18497>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

GOUVÊA N.A. et al., **A promoção da participação paterna na gestação, parto e puerpério.** 17. SENPE 2012 (Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem). Disponível em: <http://www.abeneventos.com.br/anais_senpe/17senpe/pdf/0581po.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

GRZYBOWSKI, L. S., & WAGNER, A. Casa do Pai, Casa da Mãe: A coparentalidade após o divórcio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26(1), 77-87, 2010.

GUERREIRO, C. A fisioterapia no aconselhamento durante a gravidez. **Rev FisioBrasil**, v. 8, n.5, p.112-118, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.mirafisio.pt/pdf/conselhos_%20pre.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

HAMERSKI, L.M., **Mulheres em seu primeiro parto: relatando as vivências, expectativas e sentimentos.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) Ijuí, RS: Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2003.

HERNANDES, J.A.E. e HUTZ, C.S., Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 133-141. 2008.

LAMY, Zeni Carvalho. Reflexões sobre o apoio paterno: profissionais e serviços de saúde contribuem para seu desenvolvimento? **Rev Paul Pediatr** [Internet]. 11];30(3):304-5. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v30n3/01.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da pesquisa na saúde.** 2. ed., ver. E atual. Florianópolis: UFSC, 2002. 344 P.

LONGO C.S.M., ANDRAUS L.M.S., Barbosa M.A., Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde. **Rev Eletrônica Enferm** [Internet] 2010. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a25.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

MANZINI E.J., Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MARQUES F.J., Termo de consentimento livre e esclarecido na prática reumatológica. **Rev Bras Reumatol** 2011; 51(2):175-183.

MAZZIERI S.P.M e HOGA L.A.K., Participação do pai no nascimento e parto: revisão da literatura. *Reme*: **Rev. Min. Enferm.** 2006; 10(2): 166-170.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec; 2006.

MOTTA, C.C.L. et al. O pai no parto e apoio emocional. **Cadernos de Psicologia e Educação**, v.15, n. 30, 2005.

MUZIO, Patrícia A. (1998). Paternidade (ser pai)... Para que serve? Em P. Silveira (Org.). **O exercício da paternidade** (pp. 165-174). Porto Alegre: Artes Médicas.

NOGUEIRA J.R.D.F. e FERREIRA M., O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. **Rev Enf Ref** [Internet]. 3(8):57-66. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ref/vserIIIIn8/serIIIIn8a06.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2015.

OGUISSO, T; SCHIMIDT, MJ. **O exercício da enfermagem-** uma abordagem ético legal. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA A.G. e SILVA R.R., Parto também é assunto de homens: uma pesquisa clínico-qualitativa sobre a percepção dos pais acerca de suas reações psicológicas durante o parto. **Interação Psicol** [Internet] 16(1):113-23. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/22970/19738>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

OLIVEIRA S.C et al. A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência pré-natal. **Cogitare Enferm** 2009 Jan/Mar; 14(1):73-8.

ONOFRE, N.S.C. e BORIS, G.D.J.B., Estudo fenomenológico sobre a percepção masculina das transformações da mulher no período gestacional e suas implicações afetivo-sexuais. **Suplemento Fisioterapia Brasil - I Encontro Nordestino de Fisioterapia em Saúde da Mulher – ENFISM**. Fisioterapia Brasil - Volume 13 - Número 6 - novembro/dezembro de 2012.

PAULA A.O., SARTORI A.L., MARTINS C.A. Aleitamento materno: orientações, conhecimento e participação do pai nesse processo. **Rev. Eletr. Enf.**, jun. 2010.

PERDOMINI F.R.I e BONILHA A.L.L. A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. **Texto & Contexto Enferm** [Internet]. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n3/04.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

PEREIRA V.A., NEVES G.M.C., **A participação do homem/pai na vida da mulher e do filho no período do puerpério.** Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

PERUCCHI J. e BEIRÃO A.M., Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicol Clin.** 2007; 19(2):57-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103>. Acesso em: 28 mar. 2015.

PESAMOSCA L.G., FONSECA A.D., GOMES V.L.O., Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. **Rev. Min. Enferm.**;12(1): 182-188, jan./mar., 2008. Disponível em: <http://www.enf.ufmg.br/site_novo/modules/mastop_publish/files/files_4c0e421f7ec98pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

PICCININI C.A et al. O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicol Reflex Crit.** 2004; 17(3): 303-14.

REBERTE L.M., HOGA L.A.K., A experiência de pais participantes de um grupo de educação para saúde no pré-natal. **Ciencia y Enfermeria.** 2011, 16(1):105-14.

ROCHA L. et al. Sentimentos paternos relacionados à hospitalização do filho em unidade de terapia intensiva neonatal. **Rev Enferm UFSM** [Internet]. 2012; 2(2):264-74. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reufsm/article/view/5382/3750>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

SANTOS, E.M. e FERREIRA, V.B., Pré-natal masculino: significados para homens que irão (re) experienciar a paternidade. **Ciência y Enfermaria**, 2012.

SILVA L.J., SILVA L.R., Mudanças na vida e no corpo. Esc Anna Nery **Rev Enferm** 2009 abr-jun; 13 (2): 393-401.

SILVA M.J. e LEMOS L., **O pai grávido.** Ordem dos enfermeiros, SP, 2014. Disponível em: <<http://www.ordemenfermeiros.pt/sites/madeira/informacao/Documents/Artigos%20Enfermeiros/O%20pai%20gr%C3%A1vido,%20Maria%20Jos%C3%A9%20Silva%20L%20C%20ADgia>>

%20Lemos%20Enfermeiras%20Especialistas%20em%20Enfermagem%20de%20Sa%C3%BAde%20Materna%20e%20Obst%C3%A9trica.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

SILVA M.R. e PICCININI C.A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estud. psicol.** 2007; 24(4): 561-573.

SILVA, J. M. **O lugar do pai:** uma construção imaginária. São Paulo: Annablume, 2010.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano-** aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo. Cortez, 2000.

TARNOWSKI K.S., PRÓSPERO E.N.S., ELSÉN I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. **Texto contexto - enferm.** [Internet].; 4(n. esp):103-108. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072005000500013&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 mar. 2015.

TURATO E.R., **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa.** Petrópolis (RJ): Vozes; 2003.

VENELLI, C. e Da SILVA, J.C., **Sexo na gestação na percepção masculina.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina- UNOESC- Campos São Miguel do Oeste, Brasil. 2011.

VIEIRA, Sônia. **Metodologia científica para a área da saúde.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WAGLÂNIA M.F.F. e Ana T.M.C.S. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero, **Cad Saúde Pública.** 2007 Jan; 23(1):137-45.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM E ODONTOLOGIA – DEO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Conhecendo as percepções paternas na gestação”.

Nas últimas décadas tem-se evidenciado um grande crescimento de iniciativa por parte do homem em participar do pré e pós-natal juntamente de sua companheira, pois já que este não pode ter as percepções de sentir diretamente o desenvolvimento do bebê dentro de si como esta, tem procurado se fazer presente tocando a barriga de sua companheira, se mostrando preocupado e atento as alterações no corpo dela, compreensivo com as oscilações de humor e procurando ao máximo possível participar das consultas para acompanhar o crescimento do bebê através dos exames de imagem.

Deste modo os objetivos deste estudo são:

- Conhecer as experiências dos homens em relação à gestação de suas companheiras.
- Identificar como a gestação é vivenciada pelos futuros pais no que se refere a sua relação com a gestante e a percepção de alterações corporais e psicológicas nesse período.
- Investigar quais são as informações que os homens e futuros pais recebem neste período.
- Identificar as necessidades de assistência de enfermagem para os homens em todo contexto da gestação.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;

- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso I é Prof^a. Vera Elenei Costa Somavilla e Acadêmica Josiele Lopes Rosa. Fone: (51-96922781).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou ser representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Nome e assinatura do entrevistado

Nome e assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA DA INSTITUIÇÃO



Santa Cruz do Sul, 15 de maio de 2015.

Prezados Senhores:

Ao cumprimentá-los cordilmente, gostaríamos de informar que conhecemos os objetivos autorizamos a realização da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso I – “Vivenciando as percepções paternas na gestação”- de autoria da acadêmica do curso de enfermagem Josiele Lopes Rosa, sob a orientação da Prof^ª. Vera Elenei da Costa Somavilla.

A produção dos dados irá ocorrer através de visitas domiciliares com aplicação de entrevistas realizadas pela autora, a amostra do estudo será constituída de homens que estão vivenciando a gestação de suas companheiras, que se encontram cadastradas no Serviço Integrado de Saúde (SIS) - Bloco 31 – UNISC onde realizam seu pré-natal. O estudo seguirá as normas éticas estabelecidas pelo Comitê de Ética da Instituição.

Atenciosamente

Francisca Maria A. Wichmann
Coordenadora do SIS - Nutrição

Nestor Pedro Roos
Coordenador do Curso de Enfermagem

Renata Becker Jucá
Coordenadora do SIS – Medicina

Rosangela Fontoura da Cruz
Coordenadora do SIS- Psicologia

Ao

Comitê de Ética em Pesquisa – UNISC

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

ENTREVISTA PARA COLETA DE DADOS

Orientanda: Josiele Lopes Rosa

Orientadora: Vera Elenei da Costa Somavilla

Identificação:

Nome: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

- 1) De que maneira você tem procurado participar da gestação de sua companheira?
- 2) Você tem percebido muitas mudanças físicas e comportamentais durante este momento de gestação dela e tais mudanças tem interferido no relacionamento de vocês?
- 3) Tem alguma vivência acerca de como é o período gestacional que pode contribuir pra gestação de sua companheira?
- 4) Em relação ao período gestacional de sua companheira você tem recebido informações que lhe ajudem a te preparar e fortalecer sua desenvoltura como futuro pai?
- 5) Na sua opinião falta por parte dos serviços de saúde e mídia promover/estimular a participação do homem durante a gravidez?
- 6) Quais são suas maiores dificuldades e dúvidas acerca do contexto gestacional?
- 7) O que significa pra você ser pai?
- 8) O que você espera do nascimento do seu filho?
- 9) Você pretende participar do parto e puerpério de sua companheira? Por que e quais benefícios acredita que isso pode trazer a você?

ANEXO B - CONTEÚDO DO FÔLDER “PAIS GRÁVIDOS”

PAIS GRÁVIDOS

“Quem engorda, enjoa, e passa por uma série de mudanças corporais internas e externas é a mulher, mas a gravidez é do casal... Enfim, o homem, é pai desde a concepção.”

Papai, estou chegando!”

Aqui está um pouquinho do processo de crescimento de seu filho e algumas dicas de como ele quer que seu futuro papai o cuide desde a barriga de sua mamãe...

1º mês- “Mesmo que mamãe já tenha te dito que tem se sentido enjoada nessas últimas semanas, acho que vocês nem suspeitam que já existo, pois ainda sou muito pequenino, mais ou menos do tamanho de uma semente de maçã, mas saiba que a cada dia estou crescendo mais... Eu já pareço uma cópia (meio achatadinha) de você, meu coraçãozinho já começou a bater, bate muito rápido, cheio de amor e vontade de conhecê-los .”

2º mês- “Agora vocês já sabem da minha existência, percebi que ao mesmo tempo em que desejavam a minha chegada, você papai ficou surpreso com a notícia que a mamãe lhe deu, acho que você está um tanto confuso de como vai me cuidar: se já dentro da barriga da minha mãe ou só depois que eu sair... Ahhh, meus órgãos já estão se formando e meus braços e pernas são muito frágeis, mas minha vontade de lhe abraçar e tocar é imensa. Papai, nesse momento a mamãe precisa muito da sua compreensão com a mudança de humor, os enjoos, etc. Acompanhe-a na primeira consulta e preste bem atenção no que o médico falar a vocês. Ela vai ficar muito feliz se você acompanhá-la e tenho certeza que você vai se emocionar ao ver meu coração bater.”

3º mês- “Papai! Agora estou completamente formado, com um formato um pouco estranho, pois tenho um cabeção enorme e o corpo pequeno, rrsrs. Muito cuidado daqui pra frente pra não magoar a

mamãe, ainda não posso escutá-lo, mas posso sentir o humor dela. Por isso, acaricie muito a sua barriga, dê muito carinho e entenda se ela ficar brava com você do nada, é normal isso, não pense que ela deixou de te amar, apenas a série de hormônios que ela produz pra me fazer crescer a deixam irritada, mas prometo que nos próximos meses isso irá melhorar. Participe sempre que possível das consultas, sei que você trabalha e muitas vezes não poderá ir, mas dê muito carinho a mim e mamãe, demonstre saber de mim quando ela voltar.”

4º mês- “Pai, minha audição ainda está em formação quase pronta, mas logo poderei escutar sua voz enquanto acaricia a barriga da mamãe. No momento quando você acaricia e eu percebo, posso nadar até onde sua mão está, pois agora posso sentir com mais precisão esse ato seu, pois estou maior e saiba que fico muito feliz quando percebo os carinhos de vocês. Sinceramente, não sei quem fica mais feliz, se é eu ou mamãe, por perceber o quanto meu bem estar é importante pra você. Creio que está ansioso pra saber se sou menino ou menina... Acompanhe a mamãe no próximo exame de ultrassom se possível e terá essa curiosidade sanada. A mãe vai amar sua presença, e eu mais ainda.

5º mês- “Estou fazendo a mamãe engordar né pai, rrsrsrs... Cada dia cresço mais, e isso faz ela comer mais. Sem falar da minha grande felicidade em poder escutar a voz de vocês conversando comigo. Por favor papai, converse bastante comigo, me dê carinhos e continue a ser carinhoso com a mãe, elogie muito ela, pois mesmo com os quilinhos que estou fazendo ela ganhar, continua linda.

6º mês- “Desculpe quando te acordo na madrugada chutando suas costas, é que o espaço está ficando pequeno, estou ficando grande, e agora totalmente formado, acho muito divertido ficar nadando na barriga da mãe, te acordo porque quero que converse comigo, gosto de sua atenção e é bom ir acostumando, pois vou te acordar várias vezes pra fazer minha mamadeira... Enfim, é muito bom sentir que sou importante pra você. Agora já consigo abrir meus olhos, e eles estão ansiosos pra enxergar vocês.”

7º mês- “Mamãe está super ansiosa com minha chegada, e quer sua opinião a cerca de como eu devo nascer. Espero que já tenha lido previamente algumas coisas sobre parto, e que a escolha seja por aquele que vai fazer bem pra mim. Ela também quer que você ajude na escolha das minhas roupas e do meu quarto. Estou tão feliz, pois falta pouco tempo pra eu vir ao mundo e conhecer vocês.”

8º mês- “Estou me fortalecendo um pouco mais pra poder sair bem daqui. É melhor ficar atento a mamãe: perceba que ela está ficando inxada e isso pode dar um pouco de dificuldades pra ela, esteja sempre apto a ajudá-la e atento a suas queixas, pois posso nascer a qualquer momento”.

9º mês- “Pronto papai! Estou pronto pra sair e conhecer vocês. Muitas coisas em mim ainda continuarão a se desenvolver com o passar dos anos. No começo quando eu sair daqui darei um pouquinho de trabalho até eu me habituar, muitas vezes vou acordá-lo por causa de dorzinhas de barriga, de ouvido, etc, para não ocorrer de a mãe te deixar de lado me dando atenção, ajude-a muito a cuidar de mim. Obrigado por tudo até aqui. Até mais, papai.”

CONSELHOS IMPORTANTES DE FILHO PRA PAI

- “Fique atento caso a mamãe refira algum desses sintomas: perda de líquido com cheiro característico de quiboa, sangramento, contrações e barriga endurecida, isso é um sinal que algo não está certo comigo e que deve ser levada de maneira urgente para o hospital. “

- “Saiba que você e a mamãe devem continuar a ter uma vida sexual bem ativa durante a gravidez, pois deixará ela muito feliz e desejada, e eu por consequência me sentirei muito feliz também. Não se preocupe, ter relações não me machucam, pelo contrário, tornam minha casinha mais confortável, pois as contrações que o útero faz no ato sexual são relaxantes e me deixam bem calminho. A única coisa que pode ocorrer é que haverá momentos que a libido da mamãe ora estará aumentada e ora diminuída, e isso só deverá ser respeitado.”

A gestação costuma ser vista praticamente como coisa de mulher. Poucas grávidas acreditam que seus parceiros compreendam o que está acontecendo com elas, e a verdade é que muitos futuros papais realmente não entendem. Por isso ler um pouco sobre o assunto, ser presente e mostrar interesse ajudam em muito a se preparar para a paternidade. Embora os pais não possam sentir minuto a minuto o que está acontecendo lá dentro do útero, é possível, sem dúvida nenhuma, participar.

Por incrível que pareça, os nove meses de gravidez passam tão rápido que a experiência pode ser um tanto assustadora. Procure encará-la como um momento único na sua vida, e não se preocupe SE não tiver tudo absolutamente pronto quando o bebê nascer. A beleza da chegada de um filho é que você têm a vida inteira pela frente para aprender a ser pai.

Ac. de Enfermagem Josiele Lopes Rosa (2015/2)

